



Almeida Garrett

LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

ARQUIVO DOS SEUS TRABALHOS

Série III—N.ºs 1, 2, 3 e 4

Janeiro a Dezembro de 1917

PEDE-SE A FINEZA DE ACUSAR A RECEPÇÃO

ON PRIE D'ACCUSER RÉCEPTION

-1918—P. 75.

Almeida Garrett e o Conservatório

Em Portugal, assim como Bocage é mais conhecido pela tradição boémia, satírica e obscena, isto é, pela sua feição mais inferior, assim Almeida Garrett vive, entre o vulgo, principalmente pelo cisco anecdótico da sua personalidade mundana. Todos conhecem o chinó, a mania de encurtar a idade, que já manifestava aos vinte e tantos anos, o seu mundanismo de casquilho frívolo, subindo o Chiado e parando a cada montra para disfarçar o cansaço do corpo devastado e para estudar as modas do dia, entretendo depois as damas com a galantaria taful dos trapos femininos. Todos citam, sorrindo, a sua vaidade incomensurável, que muitas vezes seria apenas um desafio irritante à inveja e à mediocridade contemporâneas. É essa feição inferior, duma das mais poderosas individualidades da nossa literatura, predomina na voga banal da sua celebridade.

Garrett, o galanteador impenitente, peralvilho, adamado, gracioso e irónico, que vemos erguer das suas obras e das confusas e prolixas *Memórias* de Amorim, é ao mesmo tempo o paciente coleccionador do *Romanceiro Nacional*, indo de terra em terra à busca das versões populares mais características e encantadoras; é o evocador de

LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

ARQUIVO DOS SEUS TRABALHOS

Série III = N.ºs 1, 2, 3 e 4

Janeiro a Dezembro de 1917

SUMÁRIO

- Almeida Garrett e o Conservatório — P. 1.
Instrução Primária na Índia Portuguesa — P. 9.
Extracto das actas das reuniões da Direcção da Liga — P. 25.
Balancetes mensais da Liga Nacional de Instrução, de Setembro de 1916 a Agosto de 1917 — P. 23.
Balancete geral do ano económico 1916-1917 — P. 30.
Publicações recebidas — P. 31.
Canções Escolares — P. 32.
Cursos subsidiados pela Liga — P. 32.
Mapas estatísticos dos cursos que funcionaram no ano lectivo de 1916-1917 — P. 35.
Mapas estatísticos da matrícula nos cursos que começaram a funcionar no ano lectivo de 1917-1918 — P. 75.
-

Almeida Garrett e o Conservatório

Em Portugal, assim como Bocage é mais conhecido pela tradição boémia, satírica e obscena, isto é, pela sua feição mais inferior, assim Almeida Garrett vive, entre o vulgo, principalmente pelo cisco anecdótico da sua personalidade mundana. Todos conhecem o chinó, a mania de encurtar a idade, que já manifestava aos vinte e tantos anos, o seu mundanismo de casquilho frívolo, subindo o Chiado e parando a cada montra para disfarçar o cansaço do corpo devastado e para estudar as modas do dia, entretendo depois as damas com a galantaria tãful dos trapos femininos. Todos citam, sorrindo, a sua vaidade incomensurável, que muitas vezes seria apenas um desafio irritante à inveja e à mediocridade contemporâneas. É essa feição inferior, duma das mais poderosas individualidades da nossa literatura, predomina na voga banal da sua celebridade.

Garrett, o galanteador impenitente, peralvilho, adamado, gracioso e irónico, que vemos erguer das suas obras e das confusas e prolixas *Memórias* de Amorim, é ao mesmo tempo o paciente coleccionador do *Romanceiro Nacional*, indo de terra em terra à busca das versões populares mais características e encantadoras; é o evocador de

D. Branca e de Camões; o finíssimo ironista das *Viagens na Minha Terra*; o dramaturgo, tocado pelo génio, de *Frei Luís de Sousa*; o cronista do *Arco de Sant'Ana*; o lírico das *Fôlhas Caidas*; o diplomata experimentado; o emigrado pungido pelos tormentos da saúde e da miséria; o soldado do Mindelo; o colaborador liberal das reformas administrativas e políticas; o orador fulgurante do Parlamento e das Academias; e ainda o fundador do Conservatório, o promotor da construção do Teatro Nacional e do renascimento dramático, que reatou, embora efêmeramente, as obliteradas tradições de Gil Vicente.

Estas três últimas tarefas foram uma das mais elevadas preocupações do seu espírito. Almeida Garrett tivera os primeiros triunfos, como actor e como autor, no *Catão*, tragédia ainda moldada na feição clássica, pelo assunto, pela linguagem, pelas imagens, e em que as novas ideas de liberdade se vazavam na heróica e rígida severidade dos princípios literários tradicionais. Depois, seduzido já pelas auras românticas da Meia-Idade, evocou no *Alfageme* aquela fulgente e cândida era de heroísmo em que a espada do Condestável se desembainhou, immaculada e justiceira, para as formosas vitórias da independência nacional.

No *Auto de Gil Vicente* reconstituiu a côrte faustosa de D. Manuel. E por fim, na convalescença duma canelada que o redimiu de muitas frivolidades mundanas e literárias, escreveu o *Frei Luís de Sousa*, em que já lampeja genialmente a naturalidade do diálogo, o vago terror duma atmosfera de tragédia, o corte sóbrio e largo das peças mais renovadoras do teatro contemporâneo.

Ele amava profundamente o teatro vicentino e também ensaiou a veia cômica em sainetes ligeiros e improvisos de salão. Amava os autos que encantaram e satirizaram a côrte de D. Manuel e em que, a par dos mistérios religiosos da Idade-Média, se agita e vive o nosso povo, desde o ganhão despeitado de Deus e a Mofina despeitada da sorte, até o frade do Paço e o fidalgo agravado de dívidas insoldáveis.

A tradição vicentina e, de um modo geral, a tradição dramática genuinamente nacional, perderam-se, sendo as obras de António Ferreira, Camões, D. Francisco Manuel de Melo e do *Judeu*, meras balizas remotas num sáfaro terreno abandonado. Garrett prègou, com o mais nobre e convincente exemplo — o das suas obras — a necessidade de fazer ressurgir o teatro nacional; conseguiu, ao cabo dalguns anos de esforços, erguer, nas ruínas do Palácio da Inquisição, um delicado templo de arte; e levou os poderes públicos a fundarem o Conservatório, cuja direcção lhe coube gratuitamente, com o cargo de Cronista-mor do Reino.

*

Encontramos em Gomes de Amorim, nas suas *Memórias Biográficas*, a documentação dos serviços que Garrett prestou no Conservatório.

Passos Manuel, que lhe chamou o *homem da pena de ouro*, por portaria de 28 de Setembro de 1836 incumbiu-o de propor, sem perda de tempo, um plano para a fundação e organização dum teatro nacional, em Lisboa «o qual, sendo uma escola de bom gosto, contribua para a civilização e aperfeiçoamento moral da nação portuguesa, e satisfaga aos outros fins de tam úteis estabelecimentos, informando ao mesmo tempo acêrca das providências necessárias para levar a efeito os melhoramentos possíveis dos teatros existentes».

A 12 de Novembro do mesmo ano, Garrett apresentava o relatório que acompanhou o projecto para a criação da inspecção geral dos teatros e espectáculos nacionais, construção do Teatro de D. Maria II e criação do Conservatório Geral de Arte Dramática.

Referindo-se aos seus achaques e à impossibilidade de produzir trabalho que o satisfaça e falando das recordações de projectos e estudos da sua primeira e ditosa idade, Almeida Garrett afirma que Passos Manuel é «o Ministro mais sinceramente patriota que Vossa Majestade ainda se dignou chamar a seus conselhos e o primeiro que, de coração e puro zêlo, se tem dado a melhorar radicalmente a sorte da nossa desgraçada terra» e que o desejo de o coadjuvar reavivou suas extintas forças.

Dirigindo-se à rainha, continua: «Senhora, o teatro português nasceu no palácio de nossos reis; ao bafo e amparo dos augustos avós de Vossa Majestade se acendeu e brilhou o facho luminoso que depois foi ilustrar outros países. Logo o perdemos, que nos não iluminou mais; mas a glória de o haver acendido não ficou menos aos senhores reis de Portugal, a quem tanto deve a civilização da espécie humana e o progresso das nações modernas. O mesmo génio poderoso que mandava descobrir a Índia, e que alterava o modo de existir do universo, mandou também abrir a scena moderna da Europa. E o senhor rei D. Manuel tanto achou em Portugal os ânimos e corações de Vasco da Gama e de Pedro Nunes como os talentos dêste e os de Gil Vicente... Escusado é recordar que, entre as jóias que da coroa portuguesa nos levou a usurpação de Castêla, não foi a menos bela esta do nosso teatro. Como o senhor rei D. Manuel deixou pouco vivedoura descendência, também o seu poeta Gil Vicente deixou morredouros-succesores. Outros pendões foram fazer a *conquista, navegação e comércio* dos altos mares, que nós abandonámos; outras musas occuparam o teatro que nós deixámos. E, desta última glória perdida, nem sequer memória ficou nos títulos de nossos reis. Mas tudo nos tem sempre assim ido em Portugal, cujo fado é começar as grandes cousas do mundo, vê-las acabar por outros — acordarmos depois à luz, — distante já do facho que acendêramos, olhar à roda de nós, — e não ver senão trevas!

Com efeito, desde aquella época nunca mais houve teatro português. Todos os povos modernos foram, uns após outros, pelo caminho que nós encetámos, adiantando-se na carreira dramática; nós voltámos para trás, e perdemos o tino da estrada, que nunca mais acertámos com ella.

Alguns esforços, algumas tentativas se têm feito, assim por indivíduos como pelo Governo; todos infructuosos, porque se não deu

impulso simultâneo aos três elementos, que é preciso criar, porque nenhum deles existe.

Nem temos um teatro nacional, nem um drama, nem um actor. Os *Autos de Gil Vicente* e as óperas do infeliz António José foram nossas únicas produções dramáticas verdadeiramente nacionais. Umas e outros, ainda que por motivos diferentes, são obsoletos e incapazes da scena¹.

¡ Mas em Portugal há talentos para tudo, há mais talento e menos cultivação que em país nenhum da Europa!

Basta que Vossa Majestade se digne evocar do cáos os elementos que aí lutam, e uma criação bela e grande surgirá à sua voz; tal que Vossa Majestade se comprazerá nas suas obras, e alcançará na opinião do mundo um dos mais illustres títulos com que a história honra os príncipes — o de protector das boas artes».

A 15 do mesmo mês, era assinado um decreto, fundando o Conservatório Geral da Arte Dramática, devendo ter, além da escola dramática, uma escola de música, uma escola de dança, de mímica e de gymnástica especial. Organizava também a inspecção geral dos teatros. Mas o Conservatório não se constituiu logo, como tanto desejava Garrett. Um decreto de 12 de Janeiro de 1837 estabeleceu o novo instituto, onde ainda hoje está, no Convento dos Caetanos. Um ano depois, uma lei (de 7 de Abril de 1838) marcava os ordenados dos professores. Em 24 de Novembro d'este ano, Almeida Garrett, num novo relatório, explicava que muitas e quasi invencíveis dificuldades o tinham impedido de formar o plano de estatutos das escolas do Conservatório, que submetia nesse dia à aprovação régia. Pede a protecção de D. Maria II para o estabelecimento que se fundara há pouco e de que esperava a regeneração do teatro portuguezes.

o de 24 de Maio de 1841, e referendado por Rodrigo da Fonseca Magalhães, o decreto aprovando os estatutos do Conservatório Rial de Lisboa, com as escolas que o acampanham e a Sociedade Literária e Artística anexa, de que foram sócios nacionais e estrangeiros distintos. Foi esse o último trabalho com que Garrett procurou vivificar a sua obra. Daí por diante a política, as perseguições, a inércia, a indiferença do meio, desvirtuaram a sua louvável e inteligente iniciativa.

No Parlamento, para que acabava de ser eleito, Garrett colaborou com o Governo na criação das Academias e Escolas de Belas Artes de Lisboa e Pôrto, e na fundação do Pantheon. Nomeado inspector geral dos teatros, a sua preocupação dominante era, além do desenvolvimento do Conservatório, a construção dum teatro nacional e a formação dum repertório de peças portuguezas. Foi sua a idea de se construir o actual Teatro Nacional, cuja realisação

¹ As adaptações vicentinas de D. João da Câmara e Afonso Lopes Vieira mostraram que Garrett se enganara. O público, ao ouvi-las, sente uma deliciosa, ainda que efémera, impressão de frescura, que o repousa da derrancada cozinha dramática francesa.

êle não dirigiu e cuja responsabilidade, quanto aos defeitos, por isso rejeitou. Protegia com imensa simpatia todos os novos e, mesmo com os primeiros rebates da velhice, que a morte tornou bem curta, comprazia-se no convívio dos rapazes de talento, animando os cenáculos despreziosos, como o de Gomes de Amorim, na sua modesta casa de estudante pobre.

Cultivar a literatura dramática, dando-lhe um teatro e artistas condignos, era a sua maior aspiração. «Para isso (diz o próprio Garrett, numa autobiografia manuscrita, que Gomes de Amorim transcreve), ao pé das escolas que já existiam na Casa Pia, e que fez transportar para o centro de Lisboa, criou uma espécie de academia, composta dos professores e artistas, de homens de letras, de homens influentes; de tudo que lhe pareceu que mais ou menos podia concorrer para o fim proposto. Ligou esta instituição com a inspecção dos teatros, entregou-lhe a censura dramática que até então andava por mãos leigas, e quando menos iliteratas, instituiu prémios e concursos, e, renunciando a toda a glória e vaidade, pôs-se êle próprio a trabalhar na reputação alheia, revendo, dirigindo e encaminhando os esforços dos que procuravam o seu auxílio».

Fundou-se a *Revista do Conservatório de Lisboa*, em que, entre outros artigos, se publicaram elogios históricos de sócios falecidos, pronunciados em sessões solenes, alguns escritos por Herculano, Garrett, Castilho e José Estêvão.

A parvoíce e ignorância ambientes incomodavam-no e irritavam-no, na sua tarefa elevada. Um delegado seu, do Conservatório, no Pôrto, chegou a perguntar-lhe se tinha direito a substituir os bancos por cadeiras, no seu camarote! Apesar das suas occupações e trabalhos de parlamentar, juiz do Tribunal do Comércio e de questões íntimas que o apoquentavam, Garrett, na primavera de 1838, escreveu *Um auto de Gil Vicente*, para prègar com o exemplo o rumo que deviam seguir os dramaturgos incipientes. Cedeu os direitos de autor da representação desta peça para o cofre das escolas do Conservatório. E corrigia ou refazia muitas das peças que lhe passavam pelas mãos.

Herculano e Castilho auxiliaram Garrett e na Academia do Conservatório, em sessões públicas, foram lidas muitas obras, a maior parte mediocres, mas que permitiram o aparecimento dalguns escritores de valor, como o já hoje esquecido Mendes Lial.

Emilia das Neves, a *linda Emilia*, como lhe chamaram os contemporâneos, não passou pelo Conservatório, mas deveu a Garrett, que se encantara com a sua beleza, a sua figura e a sua voz, os melhores incitamentos para a estreia.

Dava-lhe versos a ler, ensinava-lhe a recitar os papéis, ofereceu-lhe todos os vestidos para o *Auto de Gil Vicente* e recomendava-lhe que lêsse romances e a história de todos os personagens que desempenhasse. Destinava-lhe o papel de Madalena, no *Frei Luís de Sousa*, mas a illustre actriz não chegou a representá-lo. Tasso, Epifânio, Rosa, muitos outros, foram distinguidos com a protecção e a benéfica influência de Garrett. O teatro da Rua dos Condes reu-

niu, durante muito tempo, o melhor grupo de actores da época. Almeida Garrett recomendava-lhes que não declamassem à francesa, estudassem a nossa língua, não arrastando as palavras, por ser pior que declamar mal.

O grande escritor promoveu a publicação do decreto de 12 de Outubro de 1838, criando prémios do Conservatório para as peças originaes. Pouco depois apresentava a lei de propriedade literária, tendo já antes ensaiado formar uma espécie de associação de seguro mútuo entre os autores, para se protegerem contra as tiranias dos empresários.

*

Folheando os prefácios do *Auto de Gil Vicente* e do *Frei Luis de Sousa*, verificamos que Garrett tinha uma alta concepção do teatro, sobretudo para a sua época. Fazendo notar a decadência absoluta que atingiu a produção dramática depois das esplêndidas obras vicentinas, o ilustre escritor abre a *Introdução* do *Auto* com estas palavras: «Em Portugal nunca chegou a haver teatro; o que se chama teatro nacional, nunca; até nisso se parece a nossa literatura com a latina, que também o não teve. A scena romana viveu sempre de empréstimos gregos, nunca houve renda própria; a nossa andou fazendo «operações mixtas» com a Itália e Castela, até que fatigada duma existência difícil, toda de privações e sem glória, arriou a bandeira nacional, que nunca içara com verdadeiro e bom direito, e entregou-se à invasão francesa». E logo adiante acrescenta: «...E todavia Gil Vicente tinha lançado os fundamentos duma escola nacional. Mas foi como se a pintura moderna acabasse no Perugino.... A causa desta esterilidade dramática, desta como negação para o teatro em um povo de tanto engenho, em que outros ramos de literatura se têm cultivado tanto...¹ não se pode explicar, dizem todos, e eu também o tenho dito. Mas é que nada se acha sem procurar...»

O teatro é um grande meio de civilização, mas não prospera onde a não há. Não têm procura os seus produtos enquanto o gôsto não forma os hábitos e com elles a necessidade. Para principiar, pois, é mester criar um mercado factício. É o que fez Richelieu em Paris, e a côrte de Espanha em Madrid, o que já tinham feito os certames e concursos públicos em Atenas, e o que em Lisboa tinham começado a fazer D. Manuel e D. João III².

¹ A esterilidade, a que se refere Garrett, contrasta com o ininterrupto florescimento da poesia lírica portuguesa. O próprio romance só no século XIX teve constantes e belos cultores. O teatro vive sobretudo da acção; a poesia lírica é a expressão mais predilecta das naturezas contemplativas. Esta feição contemplativa parece ter sido, em todos os tempos, o refúgio delicado e sonhador em que repousamos das grandes empresas de conquista, navegação e descobrimento.

² É bem característico o que succedeu em Lisboa, nos últimos anos, com os concertos sinfónicos. Depois de falharem algumas tentativas, o maestro Pedro

Depois de criado o gôsto público, o gôsto público sustenta o teatro: é o que succedeu em França e em Espanha; é o que teria succedido em Portugal se o misticismo belicoso de el-rei D. Sebastião, que não tratava senão de brigar e rezar,—e logo a dominação estrangeira que nos absorveu,—não tivessem cortado à nascença a planta que ainda precisava muito abrigo e muito amparo».

Num rápido esboço, Garrett mostra como a indiferença ou a má vontade, em todas as épocas, desde o século XVII até o século XIX, contrariaram o renascimento do teatro nacional. Depois, referindo-se ao seu tempo e à sua obra, acrescenta: «Fizeram-se Escolas e Academias, decretou-se o Pantheon... Decretou-se também o Teatro Nacional e o Conservatório Dramático... Ora eu, que sou um pobre homem, gostei do Pantheon e do Teatro Nacional e do Conservatório; mas não cria muito neles — não por elles em si, que são muito possiveis e faziveis — mas porque sei onde vivo e com quem».

Queixa-se dos que inútilmente tentaram ridicularizar os seus esforços a favor do teatro nacional e em seguida lançaram mão da intriga e da calúnia. «Veio a religião, veio a economia, chamou-se tudo para anatematizar um pobre instituto inocente, cuja despesa é insignificante, cujo proveito é tamanho.

— Que proveito?

— O de criar um teatro nacional que não temos.

— Como?

— Dirigindo a censura teatral, como faz; encaminhando os jovens autores na carreira dramática, como fez a tantos; formando actores, como está fazendo—devagar, que isso é o mais difficil de tudo—edificando uma casa digna da capital duma nação culta, como também já principiava a fazer.

Se há defeitos na instituição, emendem-nos, mas não destruam, que é de bárbaros; não caluniem, que é de vilões».

Mais adiante diz: «... Para fazer a casa era preciso muito dinheiro, e eu sou pobre; para formar actores, muito tempo, e eu tenho pouco; para fazer um reportório, a isso posso eu ajudar (em terra de cegos), e, apenas tive um instante de descanso, pus-me a fazer um drama».

Esse drama é *Um Auto de Gil Vicente*, obra interessante, que não se pode comparar à admirável composição do *Frei Luis de Sousa*, mas que, pela evocação da época e da corte de D. Manuel, pelas figuras dos seus fidalgos e cortesãos, sobretudo Gil Vicente e Bernardim Ribeiro, pelo cunho nacional do assunto e da linguagem contribuiu para o efémero renascimento do teatro português. A sua obra não vingou e a má vontade dos invejosos e dos inimi-

Blanch conseguiu, aproveitando em parte o gôsto dos iniciados e em parte o snobismo mundano, criar um auditorio seguro, cada vez mais numeroso, para a execução das melhores obras dos grandes compositores antigos e modernos. O que se conseguiu para a música, porque não se há-de alcançar para as palestras de literatura e arte e para o teatro?

gos políticos provocou o que Almeida Garrett chamou «a quinta crise do teatro português», sendo a primeira o fanatismo de D. Sebastião e a perda da independência, a segunda o sacrifício do *Judeu* nas fogueiras da Inquisição, a terceira a voga da ópera italiana e o encarceramento de Correia Garção e a quarta a invasão das «macaquices francesas».

*

Depois de demitido de director do Conservatório, não deixou Garrett de contribuir para o aperfeiçoamento do teatro nacional. Ao escrever a sua obra prima, apresentou-a ao Conservatório, com uma memória, em testemunho de homenagem pela instituição que fundara.

A história de Frei Luís de Sousa, como a de Inês de Castro, diz Garrett, são assuntos «mais talhados para se moldarem e vazarem na solenidade severa e quasi estatuária da tragédia antiga, do que para se pintarem nos quadros, mais animados talvez, porém menos profundamente impressivos, do drama novo—ou para se entrelaçarem nos arabescos do moderno romance... Na história de Frei Luís de Sousa... há toda a simplicidade duma fábula trágica antiga. Casta e severa como as de Eschylo, apaixonada como as de Eurípedes, enérgica e natural como as de Sophocles, tem, demais do que essoutras, aquela unção e delicada sensibilidade que o espirito do Cristianismo derrama por toda ela, molhando de lágrimas contritas o que seriam desesperadas ânsias num pagão, acendendo, até nas últimas trevas da morte, a vela da esperança que se não apaga com a vida... Nem amores, nem aventuras, nem paixões, nem caracteres violentos de nenhum género. Com uma acção que se passa entre pai mãe e filha, um frade, um escudeiro velho e um peregrino que apenas entra em duas ou três scenas—tudo gente honesta e temente a Deus—sem um mau para contraste, sem um tirano que se mate ou mate alguém, pelo menos no último acto, como eram as tragédias de antes—sem uma dança macabra de assassinios, de adultérios e de incestos, tripudiados ao som das blasfêmias e das maldições, como hoje se quer fazer o drama—eu quis ver se era possível excitar fortemente o terror e a piedade...»

Declarou Garrett, ao ler a Memória, que oferecia a sua obra ao Conservatório de Lisboa, não só por honrar e venerar os eminentes literatos e os nobres caracteres cívicos reunidos no seu grémio, mas ainda pela confiança «numa instituição que tam útil tem sido e há-de ser à nossa literatura nascente, que tem estimulado com prémios, animado com exemplos, dirigido com sábios conselhos a cultura dum género que é a mais verdadeira expressão literária e artística da civilização do século, e reciprocamente exerce sobre ela a mais poderosa influência... Directa ou indirectamente, o Conservatório tem feito nascer em Portugal mais dramas em menos de cinco anos do que até agora se escreviam num século».

Garrett iludia-se, ou procurava iludir-se.

Para adolescentes dos quinze aos vinte anos.



CÔRO A DUAS VOZES

Letra de Afonso Vargas.

Musica de Silveira Pais.

$\text{♩} = 66$

CANTO

O a-gua cla-ra das fon-tes Que

Mod.^{to}

f

can-tas já ao nas-cer E nos val-la-dos nos

8.^a *2.^a* *8.^a*

mon-tes *8^a* Fá-zes a rel-va cres-cer *8^a*

The first system consists of a vocal line in treble clef and a piano accompaniment in bass clef. The vocal line has a melodic line with some grace notes and rests. The piano accompaniment features chords and some melodic fragments. There are two '8^a' markings above the vocal line, indicating grace notes.

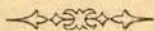
Sal-ve e mais seus sa-cra-rios Rios caudais o-ce-a-nos O-

The second system continues the vocal line and piano accompaniment. The vocal line has a melodic line with some grace notes and rests. The piano accompaniment features chords and some melodic fragments. There are two '8^a' markings above the vocal line, indicating grace notes.

ri-gem san-ta de e-ra-rios Que são ri-queza de hu-manos.

The third system continues the vocal line and piano accompaniment. The vocal line has a melodic line with some grace notes and rests. The piano accompaniment features chords and some melodic fragments. There is a 'p' marking below the piano accompaniment, indicating piano dynamics.

SAUDAÇÃO À ÁGUA



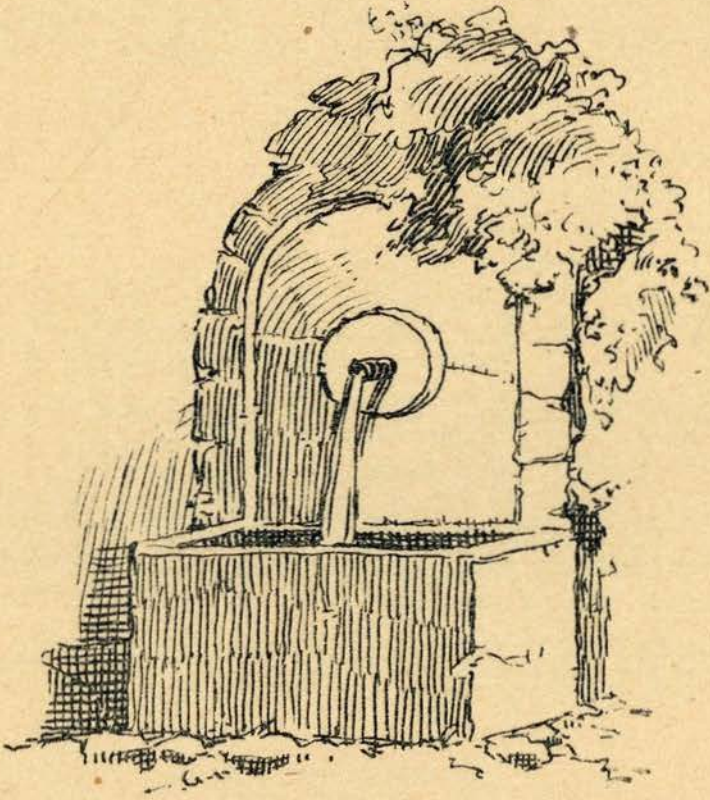
Ó Água clara das fontes,
Que cantas já ao nascer,
E nos valados, nos montes,
Fazes a relva crescer.

Salvè — e mais teus sacrários :
Rios, caudais, oceanos,
Origem santa de erários,
Que são riqueza d'humanos.

Chuva, fecundas e crias;
Vapor, dás mundos ao mundo;
Neve, as gotas que esfrias
São refrigério profundo.

Tu que de noite e de dia,
Numa perpétua viagem,
És sempre a vida, a alegria,
A animação da paisagem,

Sê para sempre bem-lita,
O Água que ris e choras,
Cante-te a terra infinita
À luz de róseas auroras...



Para crianças dos sete aos doze anos.



Letra de A. Correia de Oliveira.

Musica de Tomás Borba.

Alegre

CANTO *p* Pre...gui...ça foi á li...ção Ler

E

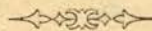
PIANO *p*

es...cre...ver e con...tar Dei...xava a me...ma...ria em ca...sa; com

pre...guica de ale...var... Pre...gui...ca aprendeu cos...tu...ra; Mas sempre que cos...tu

ra...va, Só pa...ra não pôr de...dal sem...pre seus de...dos pi...ca...va.

PREGUIÇA



Preguiça foi à lição :
Ler, escrever e contar ! ?
Deixava a memória em casa
Com preguiça de a levar !

Preguiça aprendeu costura ;
Mas sempre que costurava,
Só para não pôr dedal,
Sempre seus dedos picava.

Preguiça morta de sono
Quási de sono morria ;
Só por não fechar os olhos,
Quantas vezes não dormia !

A preguiça, muito a custo,
Fez a cama e se deitou ;
Para não mais a fazer
Nunca mais se levantou.

A preguiça abriu a bôca,
Cousa em que ela era mais certa ;
Mas depois, p'ra não fechar,
Ficou sempre *bôca aberta*.

A preguiça e o desmazêlo
Juntaram-se em casamento,
Levando os dois em bom dote
Uma mão cheia de vento.

A preguiça tem dois filhos :
Oh ! que santa geração !
A mais velha, Dona Fome,
O mais novo, Dom Ladrão.

Quando a preguiça morrer,
Até o monte maninho,
Até fragedos da serra
Darão rosas, pão e vinho.

Para adolescentes dos doze aos catorze anos.



Letra de Diogo Bernardes.

Musica de Tomás Bórba.

Devagar

CANTO

E

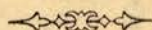
PIANO

Oh! bem a ven-tu-ra doo que se gu-

ro, No campo vi-ve com seus bois la-bran-

do A du-ra ter-ra como a-ra-do du-ro.

VIDA CAMPESTRE



Oh ! bemaventurado o que seguro
No campo vive com seus bois, lavrando
A dura terra com o arado duro.

Ou vai o longo rêgo semeando
Ou o monda, ou rega desde que nasce.
Ou com foice torta o vai segando.

Ou enquanto no prado o gado pascê
A videira sem mimo, infrutuosa,
Co'o álamo sombrio espose e abraça.

Ou em planta silvestre, ou amargosa,
Enxerta com mão dextra e ferro agudo
Outra de melhor gôsto e mais mimosa.

A nobre simplicidade trágica do *Frei Luis de Sousa* não foi imitada. O ultra-romantismo, de faca e alguidar, fez descer o teatro nacional a essa «dança macabra de assassinios, de adultérios e de incestos, tripudiada ao som das blasfêmias e das maldições», a que o grande escritor se referia. A banalidade do drama histórico sem grandeza e sem verdade, a par da importação constante dos figurinos anuais do *vaudeville* e do drama contemporâneo francês, derancaram e desnacionalizaram cada vez mais o gosto do público.

A herança de Garrett caiu nas piores mãos. Ainda há pouco tempo se viu, com espanto, num teatro de Lisboa, confiado à direcção artística de antigos alunos do Conservatório, representar-se um episódio dramático em que a grande e dolorosa figura de Soror Mariana, idealizada pela lenda e pelo amor, se apoucava sacrilegamente numa exhibição de histerismo e de baixa sensualidade. Essa peça medíocre era escrita por um autor que tem a maior responsabilidade official na formação dos artistas dramáticos portugueses.

A scintilla criadora do autor do *Frei Luis de Sousa* morreu. Alguém a acordará? O espirito português será realmente refractário ao génio dramático, ou bastaria, como disse Almeida Garrett, criar o gosto público e o gosto público depois sustentaria o teatro? Essa tarefa difficilima mais espinhosa ainda se torna hoje, pela concorrência mercantil dos animatógrafos e pela voga odiosa das revistas do ano e das baixas comédias que entretêm e depravam os espectadores. Tal empresa não poderia ser realizada por um homem só, ainda que do valor de Garrett, mas por duas ou três devotadas e pacientes gerações de homens de letras, animados por uma competência, um patriotismo e um desinteresse admiráveis.

Câmara Reys.

Instrução primária na Índia Portuguesa

I

Tem sido, sob todos os pontos de vista, louvável o desenvolvimento da instrução primária na Índia Portuguesa. Terra em que a instrução educativa, vem do atavismo das velhas escolas de Pantajali, de Kapila, dos Vedantas, dos centros educativos de Bud-Gaiá, de Orissa, fazendo irradiar a sua influênciã religioso-literária pela península indostânica, a Índia tem condições de ser, principalmente, um excelente viveiro de actividades educadas para as artes, indústrias, profissões liberais, etc.

Sem extensões de terras, onde possa exercer-se grandemente a indústria agricola, sem largos campos onde as grandes máquinas e as grandes empresas se implantem e prosperem, na Índia Portuguesa deve criar-se principalmente o potencial de trabalho, disciplinar-se a actividade, para que uma parte explore o que aí se acha, e possa outra emigrar, consciente e forte para a luta.

Já houve tempo em que da Índia partiam soldados, médicos, padres, artistas e mesteiros, a fecundar com o seu trabalho e a sua inteligência, todo o império colonial português. Aos filhos da Índia coube noutros tempos, desbravar matas, romper caminhos, e abrir à luz da civilização, povos e terras que bendizem o nome português. Era a Índia uma sucursal de Portugal no Oriente. Ainda hoje o patriarcado das Índias, com a jurisdição pela África e no Extremo-Oriente, a Escola Médica de Goa, como viveiro de médicos para as mesmas regiões, a Relação de Goa abrangendo Timor e Macau, atestam vestígios dessa hegemonia velha e saudável, dos serviços que a Índia e os seus filhos prestaram, à civilização e a Portugal.

Na exposição que segue descrevo a instrução primária, tal qual actualmente existe na sua organização e funcionamento principal, permitindo-me fazer, apenas por alto, algumas reviviscências históricas, necessárias para o esclarecimento perfeito das considerações que dessa exposição farei derivar.

Direi depois, em capítulos separados, sobre a instrução secundária, especial e superior, igualmente documentada e actualizada como a presente. No fim farei considerações sobre a instrução pública em geral da Índia Portuguesa, com ligeiros confrontos com a doutras províncias ultramarinas e comparada com a dalgumas colónias doutras nações, e em especial da Índia inglesa e francesa e Estados nativos vizinhos.

*
* * *

O coeficiente do analfabetismo em Portugal, estava em média a 75 por cento, segundo as notas estatísticas do distintíssimo demologista o Professor Bento Carqueja. Na Índia Portuguesa em 1910, a percentagem dos que sabiam ler e escrever português era de 12,1, sendo 18,8 para o sexo masculino e 5,9 para o sexo feminino. Quanto à percentagem das escolas pelo número de habitantes, Portugal tinha até 1914, 6:198 escolas distribuídas em 1:277 mixtas, 2:281 privativas do sexo masculino e 2:040 do sexo feminino, isto é, 1,07 escolas para uma população de 1:000 habitantes. A Índia Portuguesa com os seus 548:248 habitantes, tinha em funcionamento 162 escolas oficiais de ensino primário em 1914-1915, sendo privativas do sexo feminino 31, resultando uma escola para 3:400 habitantes. Ficam excluídas as escolas paroquiais.

Pormenorizando: havia escolas primárias de ensino do português, 142; de ensino marata, 9; de ensino guzerate, 11.

A idade escolar na Índia Portuguesa é, pela portaria provincial de 16 de Novembro de 1911, sem limite fixo, para a admissão às escolas móveis. Para as escolas fixas, vai no 1.º grau, até os 16 anos, e no 2.º grau até os 20 anos. Segundo o censo de 1910, havia 265:293 habitantes de 1 a 20 anos que não sabiam ler e escrever em português, mas havia também 63:870 crianças de idade de 5 anos ou menos que, em regra, não frequentam as escolas, isto é,

201:423 indivíduos em idade escolar e que não iam à escola. O número dos que se matricularam nas escolas de português, foi em 1914-1915, de 9:908, o que dá uma percentagem de frequência de 4,9 por cento.

Na Índia inglesa, a frequência em idade escolar regulava em 1915, por 33,9 por cento para rapazes, e 6,3 por cento para raparigas.

Será, pois, sobre a pavorosa cifra de 95,1 por cento de indivíduos em idade escolar, que deverá incidir a acção anti-analfabeta do Estado, na Índia Portuguesa.

Há no entanto uma face do problema já vencida, com a criação de várias escolas, feita pelo Governo republicano, sob proposta do governador Sr. Dr. F. M. Couceiro da Costa e depois sancionada pela lei de 3 de Abril de 1913 (Vide 1.º *Anuário da Escola Normal*, do autor). O que basta, no entanto, é mobilizar e aperfeiçoar, o que já se acha feito.

Em 1900, havia 100 escolas primárias, sendo 86 de português, 7 de marata e 7 do guzerate. O número de escolas paroquiais era de 94, e de capelarias-escolas 16. O número de alunos matriculados era de 4:092, e a população dos que sabiam ler e escrever português, era de 55:223 habitantes para uma população, de facto, de 531:798, o que dava a percentagem média de 10,3 por cento de analfabetos de português.

Duma estatística publicada no *Boletim Oficial da Índia* n.º 55, de 1898, representando a média da frequência de dez anos, de 1885 a 1895, consta que o número de matriculados era de 2:318 e de aprovados 790. O número de escolas primárias oficiais a essa época era de 96, sendo 4 de marata e 7 de guzerate, e as restantes de português.

Como nota histórica do progressivo incremento na instrução pública, dou em quadro n.º 1 o resumo estatístico de matriculados e aprovados na instrução primária, desde 1844-1845 até 1914-1915. É um quadro incompleto, por não ter aqui ainda os elementos necessários, que todos se encontram bastante dispersos por concelhos, e difficilmente coligíveis para tam longo período. Completá-los hei na *Memória sobre a instrução pública do Estado da Índia*, que tenho em preparação, por incumbência do governo provincial, por portaria n.º 348, de 16 de Julho de 1915.

QUADRO N.º I

Nota dos matriculados e aprovados da instrução primária desde 1842-1843 até 1917-1918

Anos	Matriculados	Aprovados	Anos	Matriculados	Aprovados	Anos	Matriculados	Aprovados
1842-1843	—	—	1868-1869	2.230	1.691	1894-1895	—	—
1843-1844	—	—	1869-1870	—	—	1895-1896	—	—
1844-1845	(a) 181	592	1870-1871	—	—	1896-1897	—	—
1845-1846	—	—	1871-1872	—	—	1897-1898	—	—
1846-1847	1:264	241	1872-1873	—	—	1898-1899	—	—
1847-1848	1:319	415	1873-1874	—	—	1899-1900	5:649	1:062
1848-1849	1:311	372	1874-1875	—	—	1900-1901	5:425	1:155
1849-1850	1:361	701	1875-1876	—	—	1901-1902	—	—
1850-1851	1:400	920	1876-1877	2:076	1:015	1902-1903	—	—
1851-1852	(a) 1:134	920	1877-1878	—	—	1903-1904	—	—
1852-1853	1:585	1:079	1878-1879	1:799	510	1904-1905	—	—
1853-1854	1:736	1:160	1879-1880	—	537	1905-1906	—	—
1854-1855	1:568	1:053	1880-1881	—	—	1906-1907	—	—
1855-1856	1:310	1:202	1881-1882	—	—	1907-1908	—	—
1856-1857	1:642	1:167	1882-1883	—	—	1908-1909	—	—
1857-1858	—	—	1883-1884	3:220	691	1909-1910	—	—
1858-1859	—	—	1884-1885	3:346	713	1910-1911	—	(d) 1:145
1859-1860	1:727	1:276	1885-1886	(c) —	—	1911-1912	—	(d) 1:323
1860-1861	1:628	1:191	1886-1887	—	—	1912-1913	7:016	1:127
1861-1862	(b) 1:437	1:154	1887-1888	—	—	1913-1914	—	(d) 1:426
1862-1863	1:918	1:262	1888-1889	—	—	1914-1915	9:909	1:518
1863-1864	—	—	1889-1890	—	—	1915-1916	—	—
1864-1865	1:883	1:359	1890-1891	—	—	1916-1917	—	—
1865-1866	1:871	1:279	1891-1892	—	—	1917-1918	—	—
1866-1867	1:780	1:269	1892-1893	—	—	—	—	—
1867-1868	2:067	1:573	1893-1894	—	—	—	—	—

(a) Falta de Damão, Dio e Nagar-Aveli.

(b) Falta Novas Conquistas.

(c) De 1885-1886 a 1894-1895, encontra-se uma média de 2:318 matriculados e 790 aprovados.

(d) Notas obtidas duma notícia publicada nos jornais, da excelente *Memória* do agrimensor Sr. Milagres Lôbo apresentada ao 2.º Congresso provincial da Índia Portuguesa. A dos anos de 1912-1913 e 1914-1915 que se afasta daquelas notas, dou a do relatório oficial existente no Ministério.

A primeira notícia da instrução na Índia Portuguesa encontra-se na Carta de Afonso de Albuquerque, datada de 1 de Abril de 1512, em que êle refere, que abrija em Cochim uma escola para ensinar a ler e escrever, e que era freqüentada por perto de cem moços que «eram muito agudos e tomavam bem o que se lhes ensinava e em bem pouco tempo».

O desenvolvimento da instrução primária, deve-se principalmente ao vice-rei D. Manuel de Portugal e Castro (1831), aos governadores Lopes de Lima (1841), Conde das Antas (1842), Barão de Vila Nova de Ourém (1852 a 1854), Caetano de Albuquerque (1882) e últimamente aos Srs. Joaquim Machado, José Maria Horta e Costa e Dr. F. M. Couceiro da Costa. Notícia mais desenvolvida sôbre a evolução da instrução primária e outra, na Índia, ver-se há na *Memória* a que acima fiz referênciã.

Do quadro n.º II que segue, vê-se a enorme percentagem de analfabetos de portuguezs, superior à dos distritos de Castelo Branco, Leiria, Beja, Faro, Bragança, onde a percentagem do analfabetismo

esiava respectivamente em 84,42 por cento, 83,15 por cento, 83,91 por cento, 82,12 por cento e 81,67 por cento, e que são os piores de Portugal, quanto à instrução. Há contudo uma correcção a fazer para a Índia. A instrução primária na nossa Índia, não é só ministrada pela língua portuguesa, mas compreende o ensino pelo marata e pelo guzerate. Este facto deve corrigir e abaxar o coeficiente do analfabetismo. Conquanto não seguro, dou um indicador para se apreciar a divergência de números, quanto ao letrismo de portuguezes, comparado com o de qualquer língua.

Se compararmos o analfabetismo de ler e escrever portuguezes do Estado da Índia, com os distritos de Portugal a que me referi, em relação ao número de escolas de portuguezes, encontra-se o seguinte, quanto ao censo das escolas primárias até 31 de Dezembro de 1915¹:

Emquanto o Estado da India tinha 142 escolas de portuguezes, para os seus 548:242 habitantes, o distrito de Castelo Branco tinha 281 para 241:184 habitantes, o de Leiria 253 para 262:632 habitantes, o de Beja 150 para 192:499 habitantes, o de Faro 153 para 272:861 habitantes e o de Bragança 237 para 192:027 habitantes!

Não entro na apreciação do género das escolas, que o confronto é flagrantemente desagradável para o Estado da Índia, que tem apenas 31 privativas para o sexo feminino, para 85, 49, 42, 47 e 81 respectivamente nos distritos citados.

Não devo passar em claro sobre as consequências do facto da língua portuguesa não estar generalizada. A influência que esse facto exerce na vida pública da província é grave. Num discurso proferido pelo governador geral da Índia, Sr. J. Freitas Ribeiro, por ocasião da abertura do 2.º Congresso Provincial, em Fevereiro de 1918, encontra-se o seguinte, que vem a talhó de fouce:

«A Índia se vê de muito longe, no dizer do Vice-Rei Conde de S. Vicente, porque de séculos anda atrasada e se ouve muito tarde, porque o povo fala concaním. Se o povo indiano soubesse falar o portuguez e o gentio subisse as escadas do palácio do Idalcão para dar conta de suas dores ao governador, êste o entendesse, quantas prepotências deixariam de consumir-se e quantos males se remediariam!»

Na Índia inglesa, os funcionários nomeados pela Coroa, são obrigados a estudar a língua da região em que vão servir. Entre nós, conquanto em Portugal se não ensine o concaním, os funcionários nomeados são dos que não sabem até as línguas que são ensinadas na Escola Colonial, porque os que as aprendem, não logram nomeação.

Emquanto em Portugal o portuguez é a língua materna, na Índia há verdadeiramente três línguas, uma para as Velhas Conquistas, o concaním, outra, para as Novas Conquistas, o marata, e ou-

¹Notas do *Boletim Oficial* do Ministério da Instrução Pública e do *Censo estatístico de 1911*, quanto aos distritos do continente.

tra para os distritos de Damão e Dio, o guzerate. O português é a língua dos eruditos, e compreende-se a dificuldade pedagógica da orientação do ensino e da sua proficiência, quando determinada por indivíduos que não conheçam aquelas vernáculos, através das quais se faz naturalmente a evolução filológica do português, falado na Índia.

No quadro n.º II faço a síntese por concelhos, do trabalho feito, e resultado obtido, no sentido da instrução primária, em relação aos analfabetos e a frequência escolar relativa a um dos anos lectivos recentes, que pude obter¹. É um quadro que, pelos dados que deixo registados, presta-se a várias considerações, que me abstenho de fazer aqui por falta de espaço.

QUADRO N.º II

	População ¹	Não sabem ler e escrever português ¹	Porcentagem dos analfabetos ¹	População de 1 a 20 anos ¹	Escolas primárias ²	Frequência em 1914-1915 ³	Frequência proporcional aos analfabetos de 1 a 20 anos ⁴	Eleitores de ler e escrever português ⁵	* Eleitores de ler e escrever qualquer língua
Estado da Índia . . .	548.242	481.908	87,09	265.293	162¹	9.908	4,9 %	12.731	14.735
Ilhas	58.810	49.312	83,85	27.496	22	1.793	6,5 %	2.231	2.418
Salsete	119.038	104.227	87,15	56.369	38	3.967	7,0	4.281	4.387
Bardez	111.912	90.161	79,50	52.467	31	2.889	5,5	4.451	4.177
Perném	38.563	36.035	93,15	10.650	4	255	1,2	72	397
Sanquelim	30.819	27.202	78,35	14.887	7	340	2,2	260	464
Safari	17.982	17.289	96,35	9.041	8	69	0,76	61	67
Pondá	48.337	43.180	89,30	23.140	7	328	1,4	363	757
Sanguem	20.390	19.100	93,95	10.007	12	78	0,77	111	269
Quepém	21.553	20.111	93,30	10.339	4	203	1,9	300	605
Canácona ⁶	19.439	18.017	92,65	9.473	7	208	2,1	110	530
Damão	18.300	16.289	88,90	9.376	15	303	3,2	218	408
Nagar-Aveli	29.020	28.474	9,82	15.639	7	150	0,95	83	161
Dio	14.170	12.511	88,25	7.409	5	325	4,3	90	155

¹ Nota do censo da população, referido a 31 de Dezembro de 1910.

² Nota da estatística oficial da instrução primária existente no Ministério das Colónias referente a 1914-1915, com os aditamentos posteriores, constantes dos Boletins oficiais do Estado da Índia.

³ Não se acha incluída a frequência das escolas das circunscrições por não haver aqui registro. É a média da frequência.

⁴ Ficam incluídas as 124 escolas de português (mixtas, privativas e as 17 das circunscrições das Novas Conquistas), a Escola Nacional e as 9 de Marata incluindo a subsidiada de Mapuçá e 11 de Guzerate.

⁵ Incluindo Anagediva.

⁶ O número de escolas primárias, a sua frequência e a percentagem dessa frequência, são referidas a 1914-1915, e o número de população analfabeta e os menores de 20 anos, são referidos ao censo de 1910, o que contribui para se não ser preciso nas deduções.

⁷ É o recenseamento político relativo a eleições de Deputados e Senadores no ano de 1917. Em 1916 eram 12.851, e em 1915 eram 12.412 eleitores.

⁸ É o recenseamento político de eleitores para os corpos administrativos, nos termos da Carta orgânica decretada em 27 de Junho de 1917, ora revogada. Sob a rubrica Salsete estão incluídos os 431 eleitores, do novo concelho de Mormugão.

Variedade da instrução primária

O ensino primário na Índia Portuguesa é ministrado: quanto à língua em escolas de português, marata e guzerate; quanto à qualidade dos institutos de ensino, em oficiais e particulares; quanto ao

¹ Graças à amabilidade do pessoal da 1.ª Repartição e, em especial, do Sr. Pires Avelanoso, e da secção das alfândegas do Ministério das Colónias.

grau em escolas elementares ou do 1.º grau, e simultâneas (1.º e 2.º grau); quanto aos sexos em escolas privativas e mixtas. Deve-se integrar nesse ensino de carácter rudimentar e geral, as primeiras classes dos colégios particulares de inglês que existem disseminados e com numerosa frequência, cuja estatística se não sabe.

As escolas de marata, que são todas mixtas e do 1.º grau, acham-se, em regra, nos dos concelhos das Novas Conquistas. As de guzerate, em Damão, Nagar-Aveli e Dio. No entanto, há só uma escola de guzerate do 1.º e 2.º grau, em Dio. Últimamente, pela portaria provincial n.º 294, de 30 de Junho de 1914, foi criada uma escola mixta de ensino elementar de português, marata e guzerate em Amely, no concelho de Praganã, a título de experiência.

Além dêsse ensino nas escolas officiais, há-o nas escolas particulares, e nas escolas paroquiais a cargo dos mestres-capelas. Estas últimas são calculadas próximamente em 97, são mantidas pelas fábricas e confrarias das igrejas, são superintendidas pelo pároco e destinam-se a ensinar às crianças ler e escrever doutrina, o catecismo, ajudar a missa, tocar rabeça, órgão, cantar a missa, etc. São instituições bastante antigas, attribuindo-se a D. João III, em 1546, a sua instituição.

O Padre F. de Sousa, no seu valioso livro *Oriente Conquistado*, refere-se a uma ordem de D. João III pela qual foi mandada para a Índia, em 1548, uma missão de 9 meninos órfãos «profectos na virtude e primeiras letras, destros nas solfas e variedade de instrumentos musicais, que foram os primeiros mestres da capela do Seminário de Goa e os primeiros que imitando na Índia os nove coros dos anjos, serviram ao culto divino oficiando as missas a canto de órgão».

A elas se devem importantes serviços na instrução popular da Índia Portuguesa, até à instituição das duas primeiras escolas primárias devida ao Marquês de Pombal, pela provisão de 6 de Novembro de 1772. Até 1910 havia também 16 capelarias-escolas nas Novas Conquistas, em que o capelão dava missa, doutrinava e ensinava a ler e escrever, nos termos do decreto de 14 de Dezembro de 1880.

Como tipos de escolas e para arquivo histórico da sua evolução, merecem menção as escolas de primeiras letras criadas por D. Manuel de Portugal e Castro na sede dos aquartelamentos, por sua portaria de 5 de Setembro de 1831; escolas lencastrianas em 1841 em Pangim e Margão, onde era adoptado o modo de ensino mútuo; escolas elementares de tipo simples nas Novas Conquistas (língua, gramática portuguesa e quatro operações) sem ensino religioso, criadas pelo Conde das Antas por sua portaria de 14 de Novembro de 1842; escolas promiscuas em Damão (1843 e 1857), em Dio (1854), onde além do ensino de primeiras letras, havia o ensino da língua, gramática portuguesa e latina, ortografia, aritmética e história pátria; escolas mixtas de português e marata, criadas pelo Visconde de S. Januário por portaria de 10 de Julho de 1871, em substituição progressiva das existentes ao tempo, nas Novas Conquistas; tipo idêntico foi adoptado pelo governador J. Machado para uma escola

em Valpoy (Satari), por portaria de 22 de Outubro de 1897. Todos êsses tipos desapareceram, porque a experiência demonstrou serem pouco práticos e pouco proveitosos. Não obstante, foi criada em 1914 a título de experiência, como se diz na portaria, uma escola em Ameli, a que acima fiz referência. Essa escola devia ficar instalada a 15 de Julho dêsse mesmo ano, e não tenho conhecimento dos seus resultados até hoje, nem sei se principiou a funcionar.

Nos colégios do ensino particular de inglês, espalhados por todo o distrito de Goa, desde 1897, em número de 46 próximamente¹, haverá, pela portaria provincial n.º 170, de 8 de Abril de 1913, ou classes de ensino primário de português (1.º grau), ou obrigatoriedade de admissão no colégio, com certidão do 1.º grau, para os alunos de nacionalidade portuguesa.

Como escolas de ensino primário livre, há hoje relativamente poucas, algumas com subsídios pelo fundo escolar (*grant in aid*), nos termos da portaria provincial de 14 de Julho de 1899, como o que foi concedido à escola de ensino de marata em Mapuçá, por portaria de 19 de Outubro de 1912, com a condição de ministrar também o ensino do português.

Quanto ao ensino do sexo feminino, já vinha desde 1859 a idea de se montar, por subscrição pública, um colégio de educação, sob a direcção de professoras recrutadas na metrópole. O governador F. Pestana tivera sérias dificuldades para montar a primeira escola do sexo feminino, em 1846.

No *Boletim Oficial* n.º 27, de 1850, aparece a noticia de que o Arcebispo prestacionava cinco meninas para frequentarem a escola da capital.

Para o colégio acudiram contribuições de Macau, de Moçambique e de dentro da Índia². Em 2 de Janeiro de 1875 mandava-se instalar uma escola primária da 2.ª classe no Recolhimento de Nossa Senhora da Serra, com um programa de conhecimentos necessários para a educação da mulher. Não vingou. Em 1878 uma comissão de cidadãos de Salsete foi representar ao Governo para a efectivação dessa educação. O jornalista Dr. José Inácio de Loiola pugnava calorosamente pela idea. A portaria n.º 86, de 6 de Fevereiro de 1882, do governador Caetano de Albuquerque, criava por fim três colégios de meninas nos três concelhos das Novas Conquistas. Mas não chegou a efectivar-se. Só em 1901, a «Associação das irmãs hospitaleiras dos pobres por amor de Deus» montava um «Colégio de Nossa Senhora da Piedade» com os seus estatutos aprovados por portaria n.º 333, de 29 de dezembro desse ano, o qual em 1911 foi substituído pela Escola Nacional do sexo feminino.

¹ Segundo o relatório do reitor do Liceu Nacional de Nova Goa, referido ao ano lectivo de 1910-1911, havia institutos de ensino inglês 46, sendo escolas 36 e colégios 10. Das escolas havia nas Ilhas 6, Salsete 13, Bardez 17. Dos colégios havia em Salsete 3, Bardez 7. Há, além disso, um Colégio em Pondá, onde se ensina também o inglês.

² Em 1871, o governador Visconde de S. Januário declarava ter recebido e endossado uma letra de 5:238 rupias, 3 anás e 8 pies, recebidos de Macau.

Esta Escola, embora tenha a feição de instituto privativo do sexo feminino, foi criada com o carácter de provisória pela portaria provincial de 4 de Janeiro de 1911, confirmada por decreto de 29 de Março do mesmo ano.

Tem, além de aulas anexas de francês, bordados, etc., uma classe infantil, as classes correspondentes do 1.º e do 2.º grau, com o mesmo programa vigente para outras escolas primárias. O da classe infantil tem português, contas Fröbel, labores, desenho e gymnástica.

E permitida a frequência, com ou sem semi-internato, às crianças do sexo masculino de cinco a sete anos, pela portaria provincial de 6 de Fevereiro de 1911.

Programa de ensino

O regulamento vigente do ensino primário na Índia Portuguesa, é o decreto de 27 de Maio de 1907, com as alterações feitas pelo governo provincial, por sua portaria n.º 504, de 16 de Novembro de 1911, e outras posteriores, que a propósito terei de citar.

O programa nas escolas de português 1.º grau compreende: leitura, escrita, operações fundamentais de aritmética, noções de sistema métrico principalmente com aplicação à mensuração e pesagem, moedas, medidas e pesos indianos, elementos de desenho linear, exercícios de gymnástica elementar e jogos ao ar livre, rudimentos de agricultura do país, ligeiras noções de economia doméstica, rudimentos de canto e música. Para meninas, trabalhos de agulha e labores.

Sobre este facto de às meninas se exigir quasi todos os conhecimentos obrigatórios para rapazes e mais os próprios do sexo, há umas interessantes observações numa *Memória* apresentada à Conferência sanitária da Índia, em 1914, sobre a *Higiene do sexo feminino* pela professora oficial Maria Ermelinda dos Stuarts Gomes, que citarei na segunda parte deste capítulo.

O programa do 2.º grau compreende todas as matérias do 1.º grau, e mais: conhecimento elementar e práctico da gramática portuguesa, noções rudimentares das sciências naturais applicáveis à agricultura, à hygiene e à indústria do país; exercícios de sistema métrico e práctica de operações aritméticas em números inteiros, decimais, fracções e complexos para resolução dos problemas de uso comum; elementos de corografia de Portugal e suas colónias, noções elementares de cronologia, cosmografia e geografia; história pátria colonial; noções de educação cívica; elementos de desenho linear geométrico e cópia à vista de objectos simples.

A distribuição desses conhecimentos em plano-horário, foi regulamentada pelo inspector que foi, o general médico, Sr. José Maria da Costa Alvares, chefe do serviço de saúde aposentado.

O programa do ensino nas escolas elementares, criadas por portaria provincial n.º 172, de 8 de Abril de 1913, nas sedes das circunscrições das Novas Conquistas, e confiadas à regência dos ama-

nuenses das mesmas, compreende: ler, escrever a língua portuguesa e fazer as quatro operações fundamentais. Acha-se regulamentada pelas respectivas instruções publicadas, e foi determinado por portaria de 1 de Março de 1916, que os alunos dessas escolas, fizessem exame como de escolas oficiais do 1.º grau, na escola oficial mais próxima.

O programa das escolas de marata, compreende, pelo decreto de 18 de Novembro de 1910: 1.ª classe: leitura e escrita em caracteres balbod, silabário, contagem de algarismos, taboada de multiplicação até 20; 2.ª classe: leitura e escrita também em caracteres moddy, ditado; numeração, operações fundamentais, geografia e corografia da Índia, noções de desenho; 3.ª classe: leitura e escrita de prosa e verso, recitação de poesias e inteligência de sentido; operações de quebrados, decimais e complexos, medidas lineares, de superfície, de volume e de capacidade. Estere e sua aplicação.

O programa do ensino do guzerate compreende, pela portaria provincial n.º 552, de 3 de Novembro de 1913: no 1.º grau, leitura, escrita, aritmética, lição de cousas, gramática, geografia, desenho e gymnástica; no 2.º grau, além das matérias do 1.º mais desenvolvidas, a geometria, história pátria, agricultura, higiene, economia doméstica, rudimentos de sciências naturais e educação cívica. E ensina-se a compreender e falar praticamente o português.

Da exposição do programa dos trabalhos, sobretudo nas escolas primárias de português, se vê quam divorciado andou, quem o organizou, limitando-se a copiar o que em Portugal se legislou, embora incidentalmente se diga o habitual chavão: que deverá ser alterado na parte respectiva segundo as necessidades locais, e uma e outra vez se fale no ensino da agricultura e geografia das colónias.

Se o ensino secundário poderá ter semelhança com o ministrado em Portugal, na parte clássica, o primário deve variar fundamentalmente. Adiante farei algumas considerações sobre a educação geral que resultou, a de se reproduzir mnemónicamente cousas e factos de Portugal, sem se saber nada da região, e a influência profundamente indisciplinadora e anárquica que esse programa e a sua pior execução, determinam na evolução mental do futuro cidadão indo-português e no construtivismo da sua personalidade.

Recrutamento do magistério

O recrutamento do professorado primário oficial português é feito por concurso documental nos termos do artigo 67.º e outros do decreto de 23 de Maio de 1907, com as alterações posteriores, entre indivíduos diplomados com o curso da Escola Normal de Nova Goa. O do professorado para as escolas de marata e de guzerate, é feito por concurso de provas públicas, nos termos do citado decreto e portarias provinciais n.º 89, de 29 de Fevereiro de 1916, e a de 13 de Novembro de 1913.

Os professores adjuntos são habilitados apenas com o 1.º ano do curso antigo da Escola Normal (regime de 1894) ou com dois anos do actual (regime de 1907).

Podem exercer o ensino livre, segundo o citado decreto de 1907, indivíduos com o curso do Liceu, da Escola Normal, um curso superior ou o curso teológico do Seminário. Aos que já tinham o título de capacidade antes desse decreto, obtido nos termos da portaria provincial de 5 de Agosto de 1879 e artigo 114.º do regulamento de 5 de Agosto de 1893, foi mantido esse direito ao ensino livre, por portaria n.º 257, de 27 de Maio de 1913.

Para o aperfeiçoamento do professorado por meio de novas noções, o inspector interino que foi, o bacharel Fausto Quadros, deixou montada uma excelente biblioteca na Inspeção da instrução primária. A relação dos livros existentes acha-se publicada no *Boletim Oficial* n.º 99 da série do ano de 1916.

Fiscalização

A idea da fiscalização do ensino nas colónias, vem desde o decreto de 15 de Novembro de 1836, reforçada depois pelos decretos de 14 de Agosto de 1845 e pelo de 30 de Novembro de 1869, pelo qual foram criados os Conselhos inspectores, seus delegados e as juntas locais. O governador Lopes de Lima determinava, por portaria de 17 de Agosto de 1841, haver uma comissão inspectora do ensino público ou Junta da direcção em cada comarca, composta do administrador do concelho, do procurador fiscal da Câmara, de dois Deputados das comunidades, eleitos pelas câmaras gerais e de um professor.

A instrução pública na Índia Portuguesa, como em outras colónias, ficou depois sob a fiscalização superior do Conselho Inspector da Instrução Pública, a que se refere o decreto de 1869, hoje Conselho de Instrução. E a do ensino primário pertence-lhe agora pelo artigo 129.º do decreto de 23 de Maio de 1907.

Para a fiscalização directa do ensino primário na Índia, que, como se viu, é composto de ensino de português, marata, guzerate e as primeiras classes de inglês, foram pelo artigo 131.º do citado decreto, e pelo decreto de 22 de Setembro de 1914, instituídas as seguintes entidades: um inspector e dois sub-inspectores. O inspector é escolhido por concurso documental entre professores oficiais da metrópole, e os sub-inspectores entre os professores oficiais da colónia, mediante concurso de provas, nos termos do regulamento aprovado pela portaria provincial de 29 de Janeiro de 1915.

O lugar de inspector já foi provido, e os de sub-inspectores ainda não.

Os serviços da administração do ensino público correm todos através da Secretaria do governo geral, salvo os de comum e rudimentar expediente que, para o ensino primário, são feitos pela inspeção da instrução primária. Em Moçambique, por portaria do governo provincial, de 15 de Setembro de 1917, todos os serviços da instrução foram unificados e centralizados numa secretaria, com três secções, sob a dependência do Conselho da Instrução Pública.

Para os efeitos da administração do ensino primário, a província

é dividida em três circunscricções escolares, duas a cargo dos dois sub-inspectores, e uma a cargo do inspector. Há uma secretaria da inspecção, com o pessoal criado pelo decreto de 17 de Agosto de 1912 (um secretário e um serventuário), e pela citada portaria de 29 de Janeiro de 1915 há um amanuense dactilógrafo; e por terem aumentado consideravelmente os serviços da mesma secretaria, foram mandados destacar, pela portaria provincial de 18 de Junho de 1917, dois professores para êsse serviço no ano lectivo de 1917-1918, vencendo, além dos seus vencimentos, uma gratificação pela verba dos ordenados dos sub-inspectores não providos. As duas sub-inspecções tem um amanuense e um serventuário.

O inspector vence 1 conto anual, dividido em 360\$ de categoria, 360\$ de exercício e 280\$ de ajudas de custo. Os sub-inspectores tem cada um 200\$ de categoria e 100\$ de ajudas de custo.

A secretaria da inspecção com as suas delegações (sub-inspecções) custa ao Estado, segundo o orçamento de 1916-1917, 2.300\$.

O Conselho da instrução, que, pelo decreto de 30 de Novembro de 1869 e outros posteriores, inclusive o de 29 de Abril de 1911, era constituído pelo governador, presidente, o chefe eclesiástico, o secretário geral, um professor da Escola Médica, o reitor do Liceu, o director da Escola Normal, o inspector da instrução primária e dois vogais nomeados pelo governador, passa agora, pelo decreto de 29 de Novembro de 1917, a ter a seguinte composição: governador, presidente; seis professores eleitos pelos estabelecimentos e institutos de ensino, e três cidadãos nomeados. Um official da Secretaria do Governo Geral faz de secretário do Conselho, sem voto. Nota curiosa. O mesmo Ministro, que decretou essa constituição do Conselho da instrução para a Índia, determinou para Cabo Verde, por decreto de 8 de Outubro de 1917, que o Conselho fôsse composto de seis membros officiais e cinco eleitos, de entre os representantes populares do Conselho do Governo e das municipalidades da provincia.

Edifícios escolares e hygiene escolar

As instalações escolares são o que há de mais ridículo na sua grande maioria. Descrevi-as sucintamente numa *Memória* intitulada *Higiene escolar*, que apresentei à Conferência sanitária da Índia portuguesa, realizada a 1 de Dezembro de 1914, festejando-se a data do 71.º aniversário, duma das reformas importantes do ensino médico na Índia. Escrevia eu:

«A grande maioria das escolas funciona em edificios alugados para curto prazo, escolhidos entre as casas de habitação particular, ali onde as há disponiveis. Basta só êste facto para se ajuizar que as instalações são impróprias, não tendo dos preceitos higiênicos e pedagógicos mais que ligeiríssimas tinturas... Conhecemos instalações de escolas onde a luz entra às vezes só por uma janela, onde a sala da aula dará, por cubagem, 5 decímetros cúbicos para cada

aluno. E não erraremos, por certo, se dissermos que a maioria dos edificios escolares está em tal miséria...

Quanto à hygiene no material de ensino, nem falar nisso é bom, porque há escolas em que a mobilia se cifra em poucos bancos, corridos, alguns fixos às paredes, outros simples tábuas assentes sobre pedras sobrepostas. Há escolas em que os alunos escrevem de joelhos em terra, os bancos corridos a servirem de mesas. Em certas, sentam-se no chão. Noutras localidades as escolas funcionam em varandas das capelas, de 3 metros de largura e menos. Há casas com paredes rachadas, donde emergem ratos, outras, que há dúzias de anos não receberam uma pincelada de cal, se de cal forem. Há escolas que não têm collecções de ensino de espécie nenhuma, obrigando os alunos a prodigiosos exercícios de memória. E, quando dizemos que há escolas, não são duas nem doze, são mais de 60 por cento».

Duma *Memória* apresentada à mesma Conferência pelo professor de instrução primária Luís de Meneses, colho o seguinte esclarecimento: das 108 escolas primárias officiaes existentes no distrito de Goa, em 1914, havia 59 que não tinham edificios próprios; e, das que os tinham, 79 por cento eram condenáveis.

Em 1879, segundo o relatório do notável chefe do serviço de saúde, Dr. Fonseca Torrie, das 53 escolas primárias existentes havia 25 com casa própria.

Sobre a hygiene escolar da criança, consta duma das *Memórias* apresentadas à citada Conferência, pelo professor auxiliar da Escola Médica, Refúgio Rêgo, o seguinte, que é sugestivo: em 214 alunos das escolas primárias de Pangim encontrou 64 com cárie dentária, 29 com amigdalite crónica, 9 com sarnas, etc. E o médico especialista Bernardo de Sousa, em trabalho análogo, deixou registado, sobre o exame retinoscópico feito em 88 individuos de idade escolar, o seguinte: hipermetropia 27, astigmatismo hipermetrópico 30, miopia 8, astigmatismo miópico 12, astigmatismo mixto 7, anisometropia 4. Sobre a forma de acudir às manifestações mórbidas nas escolas existe uma circular do inspector, o general médico Costa Álvares, datada de 24 de Julho de 1909, pela qual recomendava os professores a requisitarem a inspecção médica do delegado de saúde ou do facultativo do partido médico, caso houvesse, no caso de doença dos seus alunos. Vê-se que a circular está esquecida.

Fundo escolar

A construção dos edificios escolares e aquisição do material pedagógico era encargo das corporações municipaes e das juntas de paróquia, segundo o disposto no decreto provincial de 17 de Dezembro de 1894, que alterou o artigo 36.º e seus parágrafos do Regulamento da instrução primária de 5 de Agosto de 1893. Posteriormente passou a pertencer ao *Fundo escolar* criado por portaria provincial de 14 de Julho de 1899, pelo governador Joaquim Machado, depois da deliberação da Junta geral da província, e à sugestão do

ao tempo inspector da instrução primária, o antigo Deputado Barão de Combarjua. Pertencem-lhe além desses encargos, os subsídios às escolas particulares (sistema *grant in aid*)¹, subsídios para despesas de mobília e material de ensino nos estabelecimentos como liceus, Escola Normal, etc.

Foi ratificado pelo decreto de 23 de Maio de 1907, e as suas receitas e encargos constam dos artigos 171.º e 172.º E administrado pelo governador geral com o voto do conselho da instrução. A portaria provincial de 29 de Julho de 1910 determinou que as receitas desse fundo, provenientes das propinas de abertura e encerramento do liceu, escola normal, instrução primária, emolumentos das certidões, etc., que não entravam nesse fundo por causa da difícil discriminação, fossem pagas em selos, com sobrecarga do fundo escolar. Essa receita que foi calculada ao tempo em 4:000 rupias anuais, foi determinado dever aplicar-se em especial para edificios e material pedagógico. Por essa mesma portaria devia ser publicado o balancete trimestral do *Fundo*, mas não o vi, salvo no 1.º ano.

O citado regulamento de 5 de Agosto de 1893 obrigava ao pagamento duma pequena propina de 100 réis no acto da inscrição para abertura e encerramento das aulas do ensino primário do 1.º grau. Essa propina destinava-se a acudir principalmente às necessidades privativas do expediente escolar, devendo o respectivo professor dar conta e submeter a aprovação superior as despesas feitas por conta dessas importâncias.

Uma das receitas do *Fundo escolar* era o excesso das receitas sobre as despesas daquele cofre escolar. Esse regime do cofre escolar com as receitas de propinas do 1.º grau, continuou sob a vigência do decreto de 27 de Maio de 1907, até Fevereiro de 1914, em que foi publicado no *Boletim Oficial* da provincia o decreto de 2 de Dezembro de 1909, que eliminou aquelas propinas, sem contudo ter declarado obrigatória a instrução primária na Índia Portuguesa. Actualmente a propina para o 1.º grau mantêm-se apenas nas escolas das línguas vernáculas e a do 2.º grau para todas as escolas. Em Ceilão faz-se o contrário: a educação é livre nas escolas vernáculas e paga nas escolas inglesas.

Por decreto de 17 de Agosto de 1912 foi concedido ao mesmo *Fundo* um subsídio anual de 6 contos.

¹ O sistema do *grant in aid* adoptado pelos ingleses, manifesta-se por cinco formas na Índia inglesa: 1.º, subsídios por ordenados (pagos aos directores e professores laboriosos); 2.º, pagamento pelos resultados do ensino (pelas aprovações ou passagens de classe); 3.º, mixto (do 1.º e 2.º); 4.º, que vigora em Bengala (subsídios aos professores por períodos de 5 anos, prorrogável segundo os resultados); 5.º, subsídio por capitação (subsídio aos que frequentam escolas fora, por falta delas na localidade). A idea do *grant in aid* já havia sido aventada no seio da Junta geral da provincia por Benjamin Rodrigues, em 1887.

São importantes os serviços prestados por esse *Fundo escolar* à instrução pública da colônia, e mais o podem vir a ser quando um critério um pouco mais exclusivamente técnico e de apertado administrador, predomine na gerência, visando com perseverança acudir à miséria das instalações escolares e material pedagógico, obtendo empréstimos amortizáveis, e aliviando-o de pequenos encargos que por outra forma podem ser satisfeitos.

Na Conferência sanitária e a propósito da explicação dos alvitreos que sobre esse assunto eu apresentei, deixei esboçado o plano dessa administração.

Parte financeira da instrução

Os primeiros professores, mandava a Provisão do Marquês de Pombal de 6 de Setembro de 1772, que fôsem pagos pelo imposto do subsídio literário, criado pela Provisão de 10 de Setembro de 1772 e mandado aplicar nas colônias em 1773. Os professores eram pagos a 90\$000 réis.

A provisão de 9 de Abril de 1778, ampliando o quadro dos estudos, determinou que não fôsse superior a 10 o número total dos professores, a cargo do mesmo subsídio.

O subsídio literário rendeu, em 1797, xerafins 31:175, 4 tangas e 30 réis; em 1798, xerafins 31:532, 1 tanga e 30 réis; em 1799, xerafins 31:633¹.

O governador Lopes de Lima, por sua portaria de 17 de Agosto de 1841, dividindo as escolas em escolas de comarca e escolas de freguesia, deixou aquelas a cargo do subsídio literário e estas a cargo das comunidades, pagas por meio de derramas *pro rata*.

Para os professores das Novas Conquistas foi fixado o vencimento mensal de 20 xerafins, criando-se receita duma percentagem sobre o pardau de fôro, pago pelas comunidades, visto não haver subsídio literário (portaria de 14 de Novembro de 1842).

A portaria de 22 de Abril de 1846, confirmada pela portaria ministerial de 26 de Agosto dêsse mesmo ano, determinou que os dinheiros que as comunidades deviam pagar aos professores, dessem entrada na tesouraria da fazenda, junto com outras contribuições, e que fôsem os mesmos, pagos pela fazenda. O ensino do marata nas Novas Conquistas era ministrado pelos línguas do Estado, hoje chamados intérpretes, por portaria de 23 de Dezembro de 1846, e eram pagos como os professores daqueles territórios.

A portaria de 21 de Fevereiro de 1851 estabeleceu para as Novas Conquistas e para a manutenção dos professores, 7 réis por pardau de fôro pago pelas comunidades. O Barão de Vila Nova de Ourém, por sua portaria de 24 de Julho de 1851, aboliu todas as

¹ O xerafim ou pardau valia proximamente 166 réis, ao câmbio de 1 rupia a 400 réis, ou libra a 6\$000 réis. Da nota de despesa consta porém que os professores eram pagos a 300\$000 réis nas ilhas e 200\$000 réis fora.

derramas e cotizações nas Novas Conquistas e determinou que o pagamento dos seus professores ficasse a cargo da fazenda, devendo os administradores derramar pelas Câmaras 12 réis sobre o pardau de fôro, em vez dos 7 estabelecidos antigamente.

No decorrer do tempo foram criadas mais escolas pelas comunidades e corporações, mas os vencimentos fixados eram pequenos.

O decreto orçamental de 21 de Novembro de 1903 dividiu os professores em três classes quanto aos vencimentos, assim agrupados: mais de quinze anos de serviço, 1.^a classe, vencimentos, 120\$ de categoria e 60\$ de exercício; menos de quinze e mais de oito, 2.^a classe, vencimentos, categoria 108\$, e exercício 60\$; até oito anos, 3.^a classe, vencimentos, categoria 96\$, e exercício 24\$.

Os professores do 2.^o grau chamados então de complementar, tinham as mesmas classes, pelos mesmos períodos de anos e os vencimentos eram: 1.^a classe, categoria 168\$, exercício 60\$; 2.^a classe, categoria 158\$40, exercício 28\$80; 3.^a classe, categoria 144\$, exercício 24\$.

Os professores de complementar ou do 2.^o grau ou da 2.^a classe, representantes dos antigos professores de gramática de 1841 e dos do método lencastriano, foram nomeados para as escolas assim denominadas e criadas pela portaria de 9 de Novembro de 1854 e outras do mesmo grau de ensino.

Nessa ocasião foi suprimido o direito à jubilação e o direito à concessão do têrço por diuturnidade de serviço. Evidentemente êsses vencimentos eram os dos professores que o Estado pagava. Os mantidos pelas corporações continuavam a perceber os que elas tinham fixado, conquanto em categoria fôsem perfeitamente iguais àqueles (decreto de 31 de Outubro de 1892, e outros).

A portaria provincial de 30 de Dezembro de 1911 unificou os professores quanto aos vencimentos, determinando que fôsem todos pagos pela fazenda, cumprindo às corporações entrar com o dinheiro que elas contribuíam para o Tesouro Público.

Salvo alguns professores de guzerate, todos os professores primários são hoje pagos pelo Tesouro da província.

O decreto de 23 de Maio de 1907 converteu todas as escolas primárias de português em escolas do 1.^o e 2.^o grau, passando portanto todos os professores a vencer pela tabela dos antigos professores de complementar. Os professores adjuntos ficaram na tabela dos professores do 1.^o grau ou de elementar.

Segundo o orçamento de 1916-1917, as despesas da instrução primária constavam de verbas para administração do ensino, para pagamento de professores, e para a Escola Nacional. Os subsídios que o *Fundo escolar* pagava, e os que as corporações dão, não se acham aqui mencionados, porque não é fácil descobri-los.

Já disse que a secretaria da inspecção de instrução primária custava ao Estado 2.300\$.

Segundo o citado orçamento, havia 126 professores de ensino simultâneo, de português, 41 professores adjuntos, 8 professores de marata e 1 professor de guzerate em Dio (continuando os outros de guzerate a serem pagos pelas corporações).

Quanto às classes de professores para os efeitos da promoção e vencimentos, havia nesse ano professores de 1.^a classe, 27, de 2.^a classe, 15, de 3.^a classe, 84. Os professores de marata vencem como professores de 3.^a classe, nos termos do decreto de 17 de Agosto de 1912.

Dos 41 professores adjuntos, eram 6 os da 1.^a classe, 2 de 2.^a e 33 de 3.^a classe.

Últimamente por virtude do decreto n.º 3:566, de 17 de Novembro de 1917, a promoção dos professores de português faz-se por períodos sexenais, havendo além disso uma por distinção, e os vencimentos são: na 1.^a classe, categoria, 200\$, exercício, 54\$; na 2.^a classe, categoria, 180\$, exercício, 33\$50; na 3.^a classe, categoria, 160\$, exercício, 10\$.

Os professores oficiais de português e marata oneravam o Estado em 1916-1917, com 24.824\$90. Hoje deve estar em 31.396\$ para aquele número de professores. Há professores que figuram nas 20 escolas criadas para os concelhos das Novas Conquistas pela lei de 3 de Abril de 1913, cuja aplicação se está efectivando gradualmente, segundo as necessidades das povoações.

O encargo pelos professores adjuntos, correspondentes aos antigos professores de ensino elementar do decreto orçamental de 21 de Novembro de 1903, era no total de 5.313\$60, no respectivo orçamento.

A Escola Nacional do sexo feminino onera o Estado com 2.400\$.

(*Continua*).

J. Benedito Gomes.

Extracto das actas das reuniões da Direcção da Liga

(De Janeiro a Dezembro de 1917)

Acta n.º 166 (13 de Abril de 1917).—Lida e aprovada a acta da sessão anterior, o Sr. Manuel Borges Grainha apresentou as primeiras provas do livro do 4.º Congresso Pedagógico, trabalho que exigiu uma grande soma de energia e boa vontade, atendendo às grandes dificuldades que teve de resolver para coligir os originaes e os pôr por ordem.

O Sr. C. A. Marques Leitão e o Sr. Sebastião Vieira e Silva propuseram que fôsse uma comissão da nossa Liga cumprimentar o Ex.^{mo} Sr. Ministro da Instrução Pública, Dr. Barbosa de Magalhães, e rogar-lhe ao mesmo tempo que nos concedesse o mesmo subsídio orçamental que o ano passado nos concedera o Sr. Dr. Pedro Martins, quando Ministro da mesma pasta.

O Sr. Presidente referiu-se também à Escola ao ar livre do Lumiar, ficando determinado que elle, e os Srs. Manuel Borges Grainha e Sebastião Vieira e Silva, iriam um domingo visitar o

local da sobredita escola, para de perto poderem ver o que mais convinha fazer.

Acta n.º 107 (21 de Dezembro de 1917).—Lida e aprovada a acta da sessão anterior, deliberou-se que a Direcção fôsse cumprir o novo Ministro da Instrução Pública, Dr. Alfredo de Magalhães, ficando encarregado o Sr. Agostinho de Almeida de se entrevistar com o Sr. Dr. Fidelino de Figueiredo, chefe de gabinete do dito Ministro, para se combinar a hora e dia em que a Direcção podia ser recebida.

Tomou-se conhecimento de que o livro do 4.º Congresso já estava impresso e tinha começado a ser distribuído, bem como o último fascículo do *Arquivo da Liga*, que correspondia aos n.ºs 3 e 4 da 2.ª série.

O vice-presidente, Sr. M. Borges Grainha, informou que, seguindo-se o plano estabelecido nos anos anteriores, estavam já funcionando desde Novembro as mesmas escolas e cursos nocturnos que a Liga subsidiou no ano passado, cujos resultados seriam publicados no próximo número do *Arquivo da Liga*. (Vide pp. 36-73).

BALANCETES MENSAIS DA LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

Relativo ao ano económico social de 1916-1917

Balancete em 30 de Setembro de 1916		
DEVE		HAYER
Saldo do mês anterior	1.617\$48(5)	Pago a diversos conforme o livro Caixa a
Recebido produto de cobrança de cotas n/mês	6\$80	fs. 67
Recebido produto de venda de livros do Congresso	2\$10	Saldo que passa ao mês seguinte
	1.626\$38(5)	1.590\$55(5)
		1.626\$38(5)

Lisboa, 30 de Setembro de 1916. — O Tesoureiro, *Sebastião Vieira e Silva*.

Balancete em 31 de Outubro de 1916

DEVE		HAVER	
Saldo do mês anterior	1.590\$55(5)	Pago a diversos n/mês conforme o livro Caixa a fls. 1	29\$36
Depositado na Caixa Económica Portuguesa	2.000\$00	Saldo para o mês seguinte	3.569\$19(5)
Recebido produto de cobrança de cotas n/mês	8\$00		
	<u>3.598\$55(5)</u>		<u>3.598\$55(5)</u>

Lisboa, 31 de Outubro de 1916. — O Tesoureiro, *Sebastião Vieira e Silva*.

Balancete em 30 de Novembro de 1916

DEVE		HAVER	
Saldo do mês anterior	3.569\$19(5)	Pago a diversos neste mês conforme acusa o livro Caixa n.º 2 a fls. 1.	83\$74
Recebido do Ministério da Instrução	250\$00	Saldo para o mês seguinte	3.742\$85(5)
Produto de cobrança de cotas n/mês	7\$40		
	<u>3.823\$59(5)</u>		<u>3.826\$59(5)</u>

Lisboa, 30 de Novembro de 1916. — O Tesoureiro, *Sebastião Vieira e Silva*.

Balancete em 31 de Dezembro de 1916

DEVE		HAVER	
Saldo do mês anterior	3.742\$85(5)	Pago a diversos n/mês conforme o livro Caixa fls. 1 e 2.	92\$28
Recebido produto de cobrança n/mês	9\$10	Saldo que passa ao mês seguinte	3.659\$67(5)
	<u>3.751\$95(5)</u>		<u>3.751\$95(5)</u>

Lisboa, 31 de Dezembro de 1916. — O Tesoureiro, *Sebastião Vieira e Silva*.

Balancete em 31 de Janeiro de 1917

DEVE		HAVER	
Saldo do mês anterior	3.659\$67(5)	Pago a diversos n/mês conforme o livro Caixa a fls. 2	104\$86
Recebido produto de cotas n/mês	10\$80	Saldo que passa ao mês seguinte	3.565\$61(5)
	<u>3.670\$47(5)</u>		<u>3.670\$47(5)</u>

Lisboa, 31 de Janeiro de 1917. — O Tesoureiro, *Sebastião Vieira e Silva*.

Balancete em 28 de Fevereiro de 1917

DEVE		HAVER	
Saldo do mês anterior	3.565\$61(5)	Pago a diversos n/mês conforme o livro Cai- xa a fls. 2	81\$27
Recebido produto de cobrança n/mês.	22\$70	Saldo que passa ao mês seguinte	3.507\$04(5)
	<hr/>		<hr/>
	3.588\$31(5)		3.588\$31(5)

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1917. — O Tesoureiro, *Sebastião Vieira e Silva*.

Balancete em 31 de Março de 1917

DEVE		HAVER	
Saldo do mês anterior	3.507\$04(5)	Pago a diversos neste mês conforme o livro Caixa a fls. 3	87\$54
Recebido produto de cobrança de cotas neste mês	5\$40	Saldo que passa ao mês seguinte	3.424\$90(5)
	<hr/>		<hr/>
	3.512\$44(5)		3.512\$44(5)

Lisboa, 31 de Março de 1917. — O Tesoureiro, *Sebastião Vieira e Silva*.

Balancete em 30 de Abril de 1917

DEVE		HAVER	
Saldo do mês anterior	3.424\$90(5)	Pago a diversos neste mês conforme o livro Caixa a fls. 4	88\$55
Recebido produto de cobrança de cotas neste mês	7\$00	Saldo que passa ao mês seguinte	3.343\$35(5)
	<hr/>		<hr/>
	3.431\$90(5)		3.431\$90(5)

Lisboa, 30 de Abril de 1917. — O Tesoureiro, *Sebastião Vieira e Silva*.

Balancete em 31 de Maio de 1917

DEVE		HAVER	
Saldo do mês anterior	3.343\$35(5)	Pago a diversos neste mês conforme o livro Caixa a fls. 4	87\$80
Recebido subsídio do Ministério da Instru- ção	250\$00	Saldo que passa para o mês seguinte	3.514\$35(5)
Recebido produto de cobrança de cotas neste mês	8\$80		<hr/>
	<hr/>		3.602\$15(5)
	3.602\$15(5)		

Lisboa, 31 de Maio de 1917. — O Tesoureiro, *Sebastião Vieira e Silva*.

Balancete em 30 de Junho de 1917

DEVE		HAVER
Saldo do mês anterior	3.514\$35(5)	Pago a diversos neste mês conforme o livro
Recebido produto de cobrança de cotas neste mês	6\$90	Caixa a fls. 4
		79\$69
		Saldo que passa ao mês seguinte
	3.521\$25(5)	3.441\$56(5)
		3.521\$25(5)

Lisboa, 30 de Junho de 1917. — O Tesoureiro, *Sebastião Vieira e Silva*.

Balancete em 31 de Julho de 1917

DEVE		HAVER
Saldo do mês anterior	3.441\$56(5)	Pago a diversos neste mês conforme o livro
Recebido produto de cobrança de cotas neste mês	5\$47	Caixa a fls. 4
		88\$51
		Saldo que passa para o mês seguinte
	3.447\$03(5)	3.358\$52(5)
		3.447\$03(5)

Lisboa, 31 de Julho de 1917. — O Tesoureiro, *Sebastião Vieira e Silva*.

Balancete em 31 de Agosto de 1917

DEVE		HAVER
Saldo do mês anterior	3.358\$52(5)	Pago a diversos neste mês conforme o livro
Recebido produto de cobrança de cotas neste mês	6\$32	Caixa a fls. 5
		67\$22
Recebido juros do di- nheiro em depósito durante o ano 1916- 1917	110\$00	Saldo que passa ao mês seguinte
	3.474\$84(5)	3.407\$62(5)
		3.474\$84(5)

Lisboa, 31 de Agosto de 1917. — O Tesoureiro, *Sebastião Vieira e Silva*.

LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

Balancete demonstrativo do movimento de Caixa do ano económico social 1916-1917

30

DEVE		CAIXA	HAVER	
1916			1916	
Setembro	1	Saldo do ano anterior	Setembro	31
Setembro	30	Dinheiro recebido de cobrança e livros do congresso		
		1.617\$48(5)		Pago a diversos, conforme os documentos respectivos n.ºs 583 a 589
Outubro	31	8\$90	Outubro	31
Outubro	31	Dinheiro recebido de cobrança no mês		Idem, n.ºs 590 a 596
		8\$00	Novembro	30
Outubro	31	Subsídio concedido pelo Ministério da Instrução—Para edificação	Dezembro	31
		2.000\$00		Idem, n.ºs 610 a 623
Novembro	30	Cobrança neste mês	1917	
Novembro	30	7\$40	Janeiro	31
		Subsídio votado pelo Parlamento (1.ª prestação)—Para Ensino Escolar	Fevereiro	28
		250\$00	Março	31
Dezembro	31	Cobrança neste mês	Abril	30
		9\$10		Idem, n.ºs 664 a 677
		1917	Maio	31
Janeiro	31	Cobrança neste mês		Idem, n.ºs 678 a 691
Fevereiro	28	10\$80	Junho	30
Março	31	Cobrança neste mês		Idem, n.ºs 692 a 703
		22\$70	Julho	31
Março	31	Cobrança neste mês		Idem, n.ºs 704 a 717
Abril	30	5\$40	Agosto	31
Abril	30	Cobrança neste mês		Idem, n.ºs 718 a 728
Maio	31	7\$00	Agosto	31
Maio	31	Cobrança neste mês		Dinheiro em depósito (Saldo)
		8\$80		3.407\$62(5)
		Subsídio votado pelo Parlamento (2.ª prestação)—Para Ensino Escolar		
		250\$00		
Junho	30	Cobrança neste mês		
		6\$90		
Julho	31	Cobrança neste mês		
		5\$47		
Agosto	31	Cobrança neste mês		
		6\$32		
Agosto	31	Juros do dinheiro em depósito		
		110\$00		
		Soma		Soma
		4.334\$27(5)		4.334\$27(5)

Lisboa, 31 de Agosto de 1917.—O Tesoureiro, *Sebastião Vieira e Silva*.

Publicações recebidas últimamente

Anuário da Casa Pia de Lisboa. Ano económico de 1915-1916.
Anuário do Liceu Central de Pedro Nunes. Lisboa. Ano escolar de 1914-1915.

Anuário do Liceu Nacional da Póvoa de Varzim. Ano lectivo de 1914-1915.

Boletim da Previdência Social. Lisboa. Ano I. N.^{os} 1 e 2 (Outubro a Dezembro de 1916 e Janeiro a Março de 1917).

Boletim de Propaganda da Associação de Escolas Móveis e Jardins — Escolas João de Deus. Ano VII (Janeiro a Março de 1917).

Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles. Lisbonne, 1916. Tomo VII, fascículo 2.^o

Concessões (As) nos Caminhos de Ferro ao Professorado Primário Português, por Manuel Domingos Godinho. Oferta do autor.

Écos Veterinários. Órgão da Associação dos Estudantes de Medicina Veterinária. Lisboa. Ano V. N.^o 34 (15 de Janeiro de 1917).

Federação (A) Escolar. Semanário consagrado aos interesses da instrução e do professorado. Pôrto. Ano V. N.^{os} 251, 252, 256, 258 a 260, 262, 267 a 270 e 274 a 276.

Fomento e Riqueza. Publicação do Instituto do Amigo da Criança. Ano I. (Março a Junho de 1917).

Medicina (A) Moderna. Pôrto. Ano XXIV. Vol. VIII. N.^{os} 277 a 280 e 282 (Janeiro a Abril e Julho de 1917).

Relatório da Liga Flaviense de Instrução e Beneficência. Chaves. Gerência no ano de 1916.

Relatório e Contas da Associação de Escolas Móveis e Jardins — Escolas João de Deus. De 1 de Setembro de 1915 a 31 de Agosto de 1916.

Relatório e Contas da gerência no ano económico de 1914-1915. (Santa Casa da Misericórdia de Lisboa).

Relatório e Contas das gerências dos anos de 1914 e 1915 da Sociedade Promotora de Escolas. Lisboa. 1916.

Revista de Educação. Lisboa. Série V. N.^{os} 1 e 2. Outubro de 1916.

Sanitas (Revista). Lisboa. Ano IV. 3.^a série. N.^{os} 6 e 7 (1916-1917).

Sombra (A) das boas árvores, por Luís Leitão. Vol. I e II. Lisboa. 1916. Oferta do autor.

Publicações do Ministério das Finanças.— Direcção Geral de Estatística:

Comércio e Navegação. Ano de 1914.

Imposto de Trânsito nos Caminhos de Ferro. Ano económico de 1915-1916.

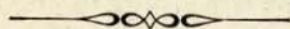
Canções escolares classificadas no IV Congresso Pedagógico celebrado em Abril de 1914

Com este número começam a publicar-se as que foram classificadas com *Primeira Menção Honrosa*. (Vide Série I, n.º 1, p. 22).

Saudação à Água—(4.º grupo) para adolescentes de 16 a 20 anos.

Preguiça—(2.º grupo) para crianças de 7 a 12 anos.

Vida Campestre—(3.º grupo) para adolescentes de 12 a 14 anos.



Cursos subsidiados pela Liga

No ano de 1917 a Liga subsidiou diversos cursos para instrução popular, conforme se estabeleceu nas reuniões da Direcção, realizadas em 3 de Novembro de 1916 e 21 de Dezembro de 1917. Neste volume do *Arquivo* vêm as estatísticas, tanto dos cursos que funcionaram no ano lectivo de 1916-1917, como dos que começaram a funcionar no ano lectivo de 1917-1918. Por elas os leitores poderão ajuizar da obra instrutiva da nossa Associação.

Dois desses cursos enviaram-nos as fotografias dos seus alunos, professores e directores, que agradecemos e que reproduzimos a seguir.



Curso do Centro Escolar Democrático de Campo de Ourique



**MAPAS ESTATÍSTICOS DOS CURSOS
QUE FUNCIONARAM NO ANO LECTIVO DE 1916-1917**

LIGA NACIONAL

Curso de aper

No Centro Escolar Democrático de Campo de Ourique

Número de ordem	Nome	Idade	Profissão	Data da matrícula
1	José Alexandre	16	Tipógrafo	9-10-916
2	Tomás de Oliveira	14	Serralheiro	9-10-916
10	Abílio Rodrigues Sobrinho	14	Operário	9-10-916
11	António Inácio Santos	16	Operário	9-10-916
12	Armando Mata	15	Serralheiro	9-10-916
13	Augusto da Conceição Paz	14	Operário	9-10-916
14	José Henriques	14	Operário	9-10-916
15	Miguel da Graça	13	Operário	9-10-916
16	Manuel Paz	12	Operário	9-10-916
17	Manuel Martins (a)	42	Empregado público	9-10-916
19	Manuel de Bastos	35	Operário	9-10-916
20	Manuel dos Santos	14	Operário	9-10-916
21	Joaquim Figueiredo Correia	17	Operário	9-10-916
22	Antonio dos Santos	18	Operário	9-10-916
23	Elísio Nunes (a)	14	Caixeiro	9-10-916
24	Francisco Lopes	14	Operário	9-10-916
26	Cesário Marques	13	Operário	9-10-916
27	José Lopes	14	Operário	9-10-916
28	Abílio Fidalgo	14	Operário	9-10-916
36	José de Albuquerque	28	Sapateiro	9-10-916
37	António da Silva	16	Operário	9-10-916
38	António Rebêlo	19	Operário	9-10-916
39	Carlos dos Santos (a)	15	Serralheiro	9-10-916
41	António Freire	14	Operário	9-10-916
42	José Maria de Jesus Lopes (b)	14	Serralheiro	9-10-916
43	Maximiano Brito Mergulhão (b)	15	Cangalheiro	9-10-916
48	Luís Garcia Coelho (a)	14	Caixeiro	9-10-916
49	António Maria Franca	14	Serralheiro	9-10-916
51	Rafael dos Santos	14	Operário	9-10-916
52	Mário do Nascimento	13	Operário	9-10-916
53	Raúl Alfredo dos Santos	15	Litógrafo	9-10-916
54	João Belizário de Barros	12	Filho família	1-11-916
55	Gabriel de Brito	16	Operário	1-11-916
57	José Custódio	13	Operário	1-11-916
61	Luís Sacadura	14	Operário	1-11-916
65	Maria de Assunção	14	Operária	1-11-916
78	Manuel Augusto Freire (a)	13	Caixeiro	2-12-916
79	José dos Santos	21	Soldado	2-12-916
82	Joaquim Madeira	13	Operário	2-1-917
89	Albino de Oliveira (a)	13	Filho família	2-1-917
90	Raúl dos Santos	14	Operário	2-1-917
95	Manuel Rodrigues Tapada	24	Soldado	2-3-917
96	Eduardo Cristóvão	13	Operário	2-3-917
97	Júlio do Vale (a)	13	Caixeiro	2-3-917

DE INSTRUÇÃO

feiçãoamento

Professor, José Pinto Guedes de Paiva

Novembro		Dezembro		Janeiro		Fevereiro		Março		Abril		Maio		Junho	
Dias lectivos 21		Dias lectivos 16		Dias lectivos 21		Dias lectivos 17		Dias lectivos 30		Dias lectivos 16		Dias lectivos 22		Dias lectivos 21	
Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento
8	11	7	10	2	12	13	-	20	-	-	-	-	-	-	-
1	12	0	12	2	11	3	11	11	10	2	10	5	10	15	10
8	10	12	10	18	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
3	11	3	11	19	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2	12	3	12	6	13	8	12	19	-	-	-	-	-	-	-
6	11	4	12	9	10	2	11	9	10	4	10	2	10	9	10
2	12	5	12	18	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
9	10	12	10	8	10	17	-	-	-	-	-	-	-	-	-
3	10	7	10	7	10	5	11	20	-	4	10	7	9	10	10
21	-	1	14	13	12	3	12	9	12	13	12	17	12	4	12
3	12	13	11	19	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
4	11	6	12	15	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
5	10	5	11	6	10	5	12	20	-	-	-	-	-	-	-
9	5	4	10	8	10	16	-	-	-	-	-	-	-	-	-
6	12	(c)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
10	10	13	-	15	-	9	10	12	10	8	11	16	-	6	10
7	11	4	10	8	10	7	10	7	10	2	11	9	10	15	-
0	13	0	13	1	12	1	10	2	11	1	12	7	10	8	10
13	-	6	10	8	10	7	11	4	10	4	10	22	-	-	-
6	10	14	-	21	-	17	-	-	-	-	-	-	-	-	-
9	10	11	10	18	-	17	-	-	-	-	-	-	-	-	-
11	10	3	10	4	10	7	10	17	-	-	-	-	-	-	-
6	12	3	12	9	12	7	11	6	12	1	12	5	12	3	10
5	11	3	10	9	11	15	10	20	-	-	-	-	-	-	-
2	13	1	12	2	12	3	12	2	12	1	12	2	12	0	12
1	11	0	12	3	11	1	11	2	12	0	11	0	12	0	12
0	14	0	14	0	13	2	13	1	13	0	14	17	-	1	14
6	9	5	10	1	10	8	10	16	-	1	10	5	10	-	-
10	10	8	-	12	-	6	-	20	-	-	-	-	-	-	-
4	11	5	12	15	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
5	12	1	10	7	10	2	10	0	12	0	11	1	10	2	10
1	12	2	11	3	12	12	-	20	-	1	10	15	-	18	-
9	10	11	10	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
4	11	5	10	5	10	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
8	10	9	10	11	10	12	-	15	-	-	-	-	-	-	-
0	12	0	12	4	12	8	10	5	11	0	11	1	10	2	10
-	-	4	12	5	12	6	12	7	12	2	12	3	13	0	14
-	-	6	11	10	10	1	11	0	11	0	10	8	10	4	10
-	-	-	-	2	12	1	11	4	11	5	11	9	10	13	10
-	-	-	-	1	12	1	12	1	12	0	12	0	12	0	14
-	-	-	-	1	12	2	12	1	10	2	10	11	10	12	10
-	-	-	-	-	-	-	-	1	12	2	12	21	-	-	-
-	-	-	-	-	-	-	-	0	12	0	11	2	11	3	10
-	-	-	-	-	-	-	-	0	12	0	12	4	13	13	13

LIGA NACIONAL

Curso de

Na Associação Escolar de Ensino Liberal

Número de ordem	Nome	Idade	Profissão	Data da matrícula
1	Duarte Silva	17	Pedreiro	6-11-916
2	António Martins	14	Correeiro	6-11-916
3	Clara de Jesus	13	Criada	6-11-916
4	Alberto Duarte	-	-	6-11-916
5	Raquel do Carmo Belas	15	Criada	6-11-916
6	Carlos Pinto	13	Pintor	6-11-916
7	Carlos Costa	-	-	6-11-916
8	João Gomes	14	Correeiro	6-11-916
9	Francisco Lopes	14	Criado	6-11-916
10	Paulo Ramos	14	Serralheiro	6-11-916
11	Mizael Ferreira	13	Serralheiro	6-11-916
12	Augusto Martins	-	-	6-11-916
13	Elvira França	21	Engomadeira	6-11-916
14	Sime Tarregaño	17	Bordadora	6-11-916
15	Mená Tarregaño	13	-	6-11-916
16	João Matos	-	-	6-11-916
17	José Silva	21	Descarregador	6-11-916
18	António Melo	18	Estucador	6-11-916
19	Augusta Roque	17	Costureira	6-11-916
20	Constantino	18	-	6-11-916
21	Maria José	16	Criada	21-11-916
22	Inácio Ferreira	13	Leiteiro	29-11-916
23	Lino Santos	14	Vendedor ambulante	29-11-916
24	Duarte Ferreira	-	-	29-11-916
25	Albertina Conceição	-	-	4-12-916
26	Cândida Gomes	-	-	4-12-916
27	Ventura Silva	-	-	4-12-916
28	António Lourenço	-	-	8-12-916
29	Alberto Neves	-	-	8-12-916
30	Luis Gonçalves	14	Vendedor ambulante	13-12-916
31	Manuel Lourenço	14	Vendedor ambulante	13-12-916
32	Laura Silva	16	Criada	15-12-916
33	Manuel Vicente	33	Jardineiro	18-12-916
34	Manuel Ferreira	34	Jardineiro	18-12-916
35	Francisco	37	Pintor	18-12-916
36	João Grazina	13	Groom	10-1-917
37	Heitor Silva	13	Serralheiro	10-1-917
38	Alvaro Santos	14	-	10-1-917
39	Aurea Silva	12	-	10-1-917
40	José Martins	16	Pedreiro	2-2-917
41	José Mendonça	17	Estucador	2-2-917
42	José Pereira	15	Serralheiro	2-2-917
43	João Gonçalves	16	Varredor	2-2-917
44	António Reis	17	Varredor	2-2-917
45	José Barata	15	Varredor	2-2-917

DE INSTRUÇÃO

analfabetos

Professora, Sofia Livramento de Antas

Novembro		Dezembro		Janeiro		Fevereiro		Março		Abril		Maio		Junho	
Dias lectivos 18		Dias lectivos 19		Dias lectivos 21		Dias lectivos 16		Dias lectivos 22		Dias lectivos 20		Dias lectivos 17		Dias lectivos 19	
Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento
4	10	8	10	16	10	16	-	22	-	18	10	7	10	8	10
5	0	7	10	5	10	7	10	21	-	19	-	-	-	-	-
1	10	0	12	0	12	6	12	6	14	-	-	-	-	-	-
3	12	10	10	15	10	15	10	22	-	-	-	-	-	-	-
4	10	5	10	5	10	7	10	7	10	5	10	7	10	8	10
2	10	1	10	0	10	2	10	2	10	1	10	1	10	0	10
1	12	6	12	15	10	16	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2	12	3	12	5	12	4	12	7	12	7	12	6	14	8	10
3	16	3	16	2	16	1	18	3	18	12	18	-	-	-	-
0	12	1	12	3	12	5	10	7	12	10	12	4	14	1	10
4	10	7	10	18	10	16	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1	13	6	13	12	10	13	10	22	-	-	-	-	-	-	-
6	12	15	10	21	-	16	-	-	-	-	-	-	-	-	-
8	12	15	10	21	-	16	-	-	-	-	-	-	-	-	-
4	12	15	10	21	-	16	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2	12	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2	12	14	10	7	10	3	10	18	10	6	10	10	14	16	10
2	12	6	10	14	10	8	10	-	-	-	-	-	-	-	-
4	12	18	10	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
3	12	1	12	5	10	12	10	-	-	-	-	-	-	-	-
1	10	6	10	18	10	16	-	-	-	-	-	-	-	-	-
0	10	4	10	9	10	6	10	1	10	-	-	-	-	-	-
0	10	3	10	18	10	16	-	-	-	-	-	-	-	-	-
0	10	5	10	11	10	0	12	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	3	10	1	10	0	12	1	14	1	14	0	14	16	10
-	-	4	10	6	10	5	12	2	14	8	14	3	14	5	10
-	-	5	10	15	12	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	6	10	5	12	2	10	18	12	-	-	-	-	-	-
-	-	1	10	1	12	3	12	21	-	-	-	-	-	-	-
-	-	6	10	6	10	5	10	18	10	-	-	-	-	-	-
-	-	6	10	8	10	2	10	3	10	-	-	-	-	-	-
-	-	2	10	9	10	9	10	3	-	-	-	-	-	-	-
-	-	0	12	3	14	5	14	3	14	2	14	1	14	5	14
-	-	0	12	-	14	3	14	5	14	1	14	0	16	6	14
-	-	0	12	5	14	9	10	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	1	10	4	10	-	-	1	-	-	-	-	-
-	-	-	-	1	10	3	10	9	10	5	10	15	10	13	10
-	-	-	-	0	12	0	12	0	12	16	10	-	-	-	-
-	-	-	-	0	10	5	10	19	10	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	-	-	3	12	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	-	-	1	14	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	14	7	10	12	10
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	14	1	12	14	10
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	12	4	12	16	10
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	12	1	12	0	14

LIGA NACIONAL

Curso de aper

Ma Associação Escolar de Ensino Liberal

Número de ordem	Nome	Idade	Profissão	Data da matrícula
1	João Fernandes Rocha	15	Serralheiro civil	6-11-916
2	Cândido Carvalho Tavares	14	Estucador	6-11-916
3	João Marques da Silva	13	Sapateiro	6-11-916
4	António Gonçalves (b)	15	Impressor	6-11-916
5	António da Cunha Roque	13	Sapateiro	6-11-916
6	António Matos de Almeida	21	Electricista	6-11-916
7	Guilherme Duarte Ferreira (b)	12	—	6-11-916
8	Carlos da Silva Marques	15	Carpinteiro mecânico	6-11-916
9	José Tomé Roque	26	Jardineiro	6-11-916
10	Isidro Vieira (a)	18	Empregado no comércio	6-11-916
11	Mário do Carmo	14	Ourives	8-11-916
12	António de Jesus Leitão	16	Empregado no comércio	8-11-916
13	Leonel L. de Sousa Viegas (a)	17	Empregado no comércio	10-11-916
14	Manuel Duarte Ferreira (a)	14	Sapateiro	20-11-916
15	Júlio Pancadares	13	Jardineiro	20-11-916
16	Francisco Correia Nobre (b)	13	Marceneiro	22-11-916
17	Joaquim Augusto Malheiros	14	Criado	28-11-916
18	Pastora Gonçalves	12	Doméstica	6-12-916
19	António Martins	16	Empregado no comércio	2-1-917
20	José Joaquim (a)	19	Empregado no comércio	2-1-917
21	Mário Francisco	14	Dourador	8-1-917
22	Marcelino Loureiro	16	Impressor	9-1-917
23	Manuel Falé	32	Empregado na Direcção Geral de Trabalhos Geodésicos	15-1-917
24	Ramiro Vieira	13	Empregado no comércio	16-1-917
25	Júlio Adrião Gonçalves	13	Serralheiro mecânico	26-1-917
26	Manuel de Figueiredo	11	Empregado de escritório	10-1-917
27	António de Matos Chagas (a)	12	—	30-1-917
28	João Antunes	17	Empregado no comércio	13-2-917
29	Henrique Gonçalves de Moura	11	Carpinteiro	14-3-917
30	José Brás	14	Empregado no comércio	11-4-917
			Média do curso	

(a) Fizeram exame de 2.º grau, ficando aprovados.

(b) Fizeram exame de 1.º grau, ficando aprovados.

DE INSTRUÇÃO

feioamento

Professora, Albertina de Jesus Lourenço

Novembro		Dezembro		Janeiro		Fevereiro		Março		Abril		Maio		Junho	
Dias lectivos 18		Dias lectivos 19		Dias lectivos 21		Dias lectivos 15		Dias lectivos 22		Dias lectivos 20		Dias lectivos 17		Dias lectivos 19	
Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento
0	8	6	9	8	10	5	11	10	11	17	12	-	-	-	-
3	8	4	9	4	10	3	11	5	11	3	11	0	12	0	12
1	8	2	9	5	9	6	9	9	10	3	10	9	10	7	10
2	9	0	10	12	11	1	12	0	13	9	14	3	15	0	16
2	9	12	9	10	9	13	-	22	-	1	9	-	-	-	-
2	9	9	10	8	11	12	12	9	13	16	-	-	-	-	-
2	8	0	9	0	10	0	11	0	12	0	13	1	14	2	16
0	10	4	11	5	11	5	12	5	12	9	14	11	15	-	-
1	8	2	9	2	9	7	9	10	9	20	-	-	-	-	-
0	10	3	11	2	11	0	11	1	12	5	13	0	14	0	16
1	9	6	10	10	11	4	10	12	10	6	11	0	11	0	12
2	8	11	9	3	9	9	9	13	9	14	9	-	-	-	-
1	10	4	11	4	11	4	12	6	13	9	14	6	15	7	17
0	10	1	11	0	11	0	12	0	13	1	14	3	15	1	17
2	9	2	10	8	10	8	11	4	13	6	13	5	13	4	13
0	9	2	10	3	11	2	12	8	13	3	14	9	15	3	16
1	9	4	10	0	10	3	11	1	12	0	12	3	12	2	12
-	-	7	10	8	11	6	11	18	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	0	10	0	11	0	12	0	13	0	13	0	13
-	-	-	-	0	11	0	12	0	14	0	15	0	17	0	18
-	-	-	-	14	8	10	9	5	9	6	9	14	9	19	-
-	-	-	-	1	9	3	10	11	12	11	14	-	-	-	-
-	-	-	-	1	10	2	11	5	12	1	13	2	14	19	-
-	-	-	-	1	9	0	10	0	11	1	12	0	12	1	13
-	-	-	-	0	8	2	8	1	9	20	-	-	-	-	-
-	-	-	-	3	8	7	8	13	9	12	9	17	-	-	-
-	-	-	-	0	9	2	10	2	12	4	14	1	15	1	17
-	-	-	-	-	-	2	10	5	12	11	14	14	-	-	-
-	-	-	-	-	-	-	-	0	9	1	9	1	9	8	10
-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0	10	0	11	6	12
13	8,9	14	9,8	18	10	21	10,6	22	11,5	19	12,2	17	13	15	14

LIGA NACIONAL

Curso de

No Grémio Popular

Número de ordem	Nome	Idade	Profissão	Data da matricula
1	Maria da Conceição	14	Criada	1-11-916
2	Edmundo Pedro	15	Trabalhador	1-11-916
3	António Baptista	15	Vendedor ambulante	1-11-916
4	Joaquim Rodrigues	16	Pregueiro	1-11-916
5	Francisco Albino	13	Trabalhador	1-11-916
6	Manuel Esteves	11	Criado	1-11-916
7	Quitéria Sant'Ana	31	Doméstica	1-11-916
8	Zulmira do Conceição	14	Criada	1-11-916
9	José António Serra	15	Vendedor ambulante	1-11-916
10	António Pedro	15	Serralheiro	1-11-916
11	José Luís	18	Cortador	1-11-916
12	João Sant'Ana	33	Correio	1-11-916
13	Raúl Brás	13	Peixeiro	1-11-916
14	Alberto Leitão	13	Trabalhador	7-11-916
15	José Cláudio	13	Vendedor ambulante	14-11-916
16	João Ferreira	13	Vendedor ambulante	15-11-916
17	António Cláudio	14	Vendedor ambulante	15-11-916
18	Daniel Zeferino	13	Carpinteiro	17-11-916
19	Manuel da Costa	20	Serralheiro	4-12-916
20	Joaquim Tavares	25	Servente	18-12-916
21	Júlio Chaves	15	Marceneiro	22-12-916
22	Maria da Glória	13	Aprendiza	18-12-916
23	António Gomes	14	Malceiro	2-1-917
24	Armando da Cruz	12	Compositor	7-2-917
25	Elisa de Jesus	30	Vendedeira	14-3-917
26	Carlos José Júnior	13	Vendedor ambulante	9-4-917
27	José Carlos	14	Sapateiro	12-4-917
28	António Dias	14	Serralheiro	18-4-917
29	Joaquim António	15	Carpinteiro	18-4-917
30	Manuel Rodrigues	12	Criado	11-4-917
31	Alexandre Tavares	14	Sem profissão	8-5-917
32	Manuel Dias	15	Sem profissão	2-5-917
Média do curso				

DE INSTRUÇÃO

analfabetos

Professora, Alice de Jesus Matos

Número de ordem	Novembro		Dezembro		Janeiro		Fevereiro		Março		Abril		Maio		Junho	
	Diaslectivos 22		Diaslectivos 18		Diaslectivos 21		Diaslectivos 18		Diaslectivos 19		Diaslectivos 19		Diaslectivos 17		Diaslectivos 20	
	Faltas	Aprovei-tamento	Faltas	Aprovei-tamento	Faltas	Aprovei-tamento	Faltas	Aprovei-tamento	Faltas	Aprovei-tamento	Faltas	Aprovei-tamento	Faltas	Aprovei-tamento	Faltas	Aprovei-tamento
-	16	-	15	3	4	1	17	1	18	19	-	-	-	20	-	
-	10	6	10	8	12	8	12	6	10	5	10	17	-	20	-	
1	12	6	12	12	12	10	12	19	-	19	-	17	-	4	12	
1	10	2	10	4	12	2	10	5	10	-	10	2	14	20	-	
1	8	3	9	4	10	5	10	9	10	10	10	11	12	9	12	
-	12	-	10	1	15	-	16	1	17	2	17	11	12	20	-	
4	12	12	10	12	12	18	-	15	10	19	-	14	8	20	-	
1	10	5	12	4	10	9	10	19	19	19	-	17	-	20	-	
3	12	5	12	5	12	10	12	19	-	19	-	17	-	20	-	
2	12	6	10	21	-	18	-	19	-	19	-	17	-	20	-	
2	12	15	12	21	-	18	-	19	-	19	-	17	-	20	-	
4	12	9	12	9	12	18	-	2	-	19	-	17	-	2	12	
-	9	2	10	3	9	1	10	5	10	1	9	14	12	9	12	
-	9	4	9	5	8	14	9	3	10	2	9	3	12	3	10	
-	10	2	9	1	12	5	12	19	10	1	12	1	12	20	-	
-	9	3	7	5	9	14	7	3	-	19	-	17	-	1	14	
-	10	1	10	2	10	5	10	17	12	-	10	-	13	20	-	
-	5	1	7	5	7	5	12	-	5	19	-	17	-	-	-	
-	-	4	16	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
-	-	2	16	-	-	-	-	5	13	-	-	-	-	20	-	
-	-	0	14	12	12	18	-	6	12	12	12	17	-	18	12	
-	-	0	12	9	16	7	12	19	12	17	12	17	-	19	7	
-	-	-	-	2	9	18	-	3	12	-	7	5	10	14	12	
-	-	-	-	-	-	-	10	6	10	5	12	3	14	4	12	
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	19	-	-	12	4	14	
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	10	-	14	-	-	
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	7	12	8	-	20	
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	7	11	10	-	20	
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	7	15	8	-	20	
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	7	-	17	-	20	
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	12	-	20	
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	12	-	20	
15	10	15	11	14	11	10	11	10	11	10	11	9	12	7	11	

LIGA NACIONAL

Curso de aper

Escola Grémio Popular

Número de ordem	Nome	Idade	Profissão	Data da matrícula
1	Joaquim Afonso	18	Caixeiro	1-11-916
2	Francisco Pocinho (a)	17	Marceneiro	1-11-916
3	Dario Matos (a)	13	Empregado no comércio	1-11-916
4	Antônio Rodrigues	15	Torneiro de metais . . .	1-11-916
5	Antônio Nunes (a)	13	Empregado no comércio	1-11-916
6	Augusto dos Santos	16	Serralheiro	9-11-916
7	Francisco dos Santos	14	Torneiro	9-11-916
8	Silvina Cardoso	22	Doméstica	9-11-916
9	Porfírio Ribeiro	15	Sapateiro	15-11-916
10	Manuel de Oliveira (b)	24	Lavrador	7-12-916
11	Joaquim Tavares Batalha	25	Empregado na Imprensa Nacional	29-12-916
12	Manuel dos Santos Júnior (b)	15	Empregado no comércio	7-3-917
13	Antônio Trindade	15	Empregado no comércio	7-3-917
14	Albertina Saraiva	14	Costureira de alfaiate . .	15-3-917
15	Joaquim de Sousa	16	Barbeiro	15-3-917
Média do curso . . .				

(a) Fizeram exame de 2.º grau, ficando aprovados.

(b) Fizeram exame de 1.º grau, ficando aprovados.

DE INSTRUÇÃO

feioamento

Professora, Elmira da Conceição Martins

Novembro		Dezembro		Janeiro		Fevereiro		Março		Abril		Maio		Junho	
Dias lectivos 22		Dias lectivos 18		Dias lectivos 22		Dias lectivos 20		Dias lectivos 22		Dias lectivos 21		Dias lectivos 23		Dias lectivos 21	
Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento
4	12	1	13	10	12	4	12	4	12	7	13	23	-	21	-
2	14	1	15	2	15	1	16	-	16	2	17	-	17	1	17
1	13	1	14	-	13	1	13	-	13	1	14	-	14	-	14
2	11	3	12	5	12	3	12	1	13	7	10	23	-	21	-
-	13	-	14	-	14	2	15	5	15	-	16	1	16	-	17
-	13	2	14	5	14	6	14	7	13	8	14	17	9	13	10
3	14	-	14	9	15	2	15	6	15	9	16	23	-	21	-
1	15	5	16	22	-	-	16	3	17	8	16	18	12	21	-
3	13	3	14	5	15	2	15	3	16	5	16	6	15	12	14
-	-	10	12	11	12	1	13	3	13	6	13	5	14	6	14
-	-	-	15	-	16	2	16	6	16	8	15	20	16	21	-
-	-	-	-	-	-	-	-	3	13	3	14	-	14	2	15
-	-	-	-	-	-	-	-	3	10	7	10	5	11	13	11
-	-	-	-	-	-	-	-	2	12	-	13	2	13	6	14
-	-	-	-	-	-	-	-	3	13	3	14	5	14	3	14
8	13	9	13,9	8	3,8	10	4,2	12	13,8	11	14	9	1,37	7	14

LIGA NACIONAL

Curso de analfabetos

No Grupo Dramático Familiar «Aurora Social»

Table with columns: Número de ordem, Nome, Idade, Profissão, Data da matrícula. Lists 45 students with their details.

DE INSTRUÇÃO

e de aperfeiçoamento

Professora, Elvira dos Reis Duarte

Table with columns: Months (Novembro to Junho), Dias lectivos, Faltas, Aproveitamento. Shows performance data for each student across months.

LIGA NACIONAL

Curso de aper

Na Cantina Escolar da Freguesia de S. Miguel

Número de ordem	Nome	Idade	Profissão	Data da matrícula
1	Aurora de Jesus Gomes (a)	11	Estudante.	6-10-916
2	Joaquim Costa (b)	11	Estudante.	6-10-916
3	Manuel Pedro de Oliveira	26	Marinheiro	8-11-916
4	António Pinho	16	Caixeiro.	9-11-916
5	João P. Marques	14	Aprendiz de serralheiro	9-11-916
6	Paulo da Encarnação Marques (b)	16	Impressor.	6-10-916
7	Maria Rita da Conceição	39	Doméstica.	6-10-916
8	Antonio Augusto.	14	Aprendiz encadernador	6-10-916
9	Tereza da Conceição Duarte	26	Costureira.	6-10-916
10	José Gomes (b)	15	Aprendiz de torneiro.	6-10-916
11	Jaime Gonçalves (b)	8	Estudante	6-10-916
12	José Vilela Roiz	22	Pedreiro	6-10-916
13	Ana Cândida Braga	24	Marginadora.	6-10-916
14	Joaquim Mendes	20	Empregado no comércio	6-10-916
15	José Belarmino (a)	11	Estudante.	6-10-916
16	António Pinto Magalhães	17	Obras da Câmara	12-11-916
17	Augusto Marques (b)	12	Sapateiro	12-11-916
18	Antonio A. A. Marques	34	Vendedor de cautelas.	12-11-916
19	José Melo	16	Tipógrafo	12-11-916
20	Manuel Mendes	27	Marinheiro	12-11-916
21	José Antunes	18	Varredor	12-11-916
22	Jaime Dias	18	Trabalhador	12-11-916
23	Emília Ferreira	16	Vendedeira	12-11-916
24	José Antunes	23	Trabalhador.	12-11-916
25	Manuel Vicente Nunes	10	Filho família	12-11-916
26	Mário Gonçalves	11	Filho família	12-11-916
27	Apolinário Soares Ribeiro da Silva	10	Filho família	12-11-916
28	Emílio Marques Guimarães	11	Filho família	12-11-916
29	Augusto Marques	20	Trabalhador	12-11-916
30	Manuel Joaquim	26	Comerciante	12-11-916
31	Lúcia Laura de Brito	36	Doméstica.	12-11-916
Média do curso . . .				

(a) Fizeram exame de 2.º grau, ficando aprovados.

(b) Fizeram exame de 1.º grau, ficando aprovados.

DE INSTRUÇÃO

feioamento

Professora, Celeste Baião da Costa Lameiro

Novembro		Dezembro		Janeiro		Fevereiro		Março		Abril		Maio		Junho	
Dias lectivos 23		Dias lectivos 20		Dias lectivos 22		Dias lectivos 18		Dias lectivos 22		Dias lectivos 22		Dias lectivos 23		Dias lectivos 20	
Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento
9	12	3	-	2	6	2	8	2	16	2	16	4	2	2	7
6	10	7	6	3	10	-	4	2	20	9	5	6	8	6	2
4	-	2	9	2	9	2	6	6	12	2	-	3	2	-	-
2	6	3	-	4	10	3	11	-	4	4	6	5	4	4	6
3	7	4	6	2	15	3	13	2	9	2	8	2	8	2	3
5	4	3	10	3	4	-	2	-	5	3	7	2	10	5	9
5	9	3	14	2	9	-	-	2	8	9	2	2	4	-	2
18	2	3	9	5	4	4	6	2	7	5	-	2	5	4	8
2	-	2	-	2	8	2	9	-	-	2	4	3	16	7	6
2	9	-	-	3	6	5	7	4	9	6	2	2	-	2	5
3	6	3	6	2	9	3	8	2	16	3	-	4	9	4	9
-	-	5	9	5	3	2	14	3	15	5	3	2	5	-	-
4	2	-	-	6	4	3	19	4	12	4	8	3	7	2	6
3	6	2	9	2	8	-	14	2	17	2	13	7	2	3	7
3	10	3	6	3	7	2	6	-	14	2	17	4	2	-	5
3	8	2	7	2	14	4	-	3	12	5	2	6	8	2	4
6	9	2	-	2	16	2	5	-	17	2	4	3	7	6	3
5	14	3	9	3	2	2	8	2	6	-	-	5	2	7	9
2	-	2	5	-	-	4	12	3	4	2	8	2	9	6	2
6	12	3	7	2	5	-	13	2	9	2	16	4	6	4	5
2	14	-	9	-	4	4	6	-	10	4	12	2	8	-	2
2	16	2	6	2	9	2	5	3	14	7	2	5	12	3	8
-	-	4	5	3	6	4	9	2	16	3	9	2	4	5	7
5	9	2	16	3	10	6	2	3	5	8	4	3	9	4	6
7	16	2	9	2	4	-	8	7	4	7	2	2	6	7	2
2	18	2	4	2	9	-	5	2	9	6	4	7	4	5	-
2	-	3	6	5	2	2	9	5	8	2	5	2	6	2	9
5	4	2	8	4	7	2	16	2	16	3	-	5	3	4	12
-	-	2	14	-	2	2	13	-	-	4	9	4	-	6	15
6	8	2	7	8	5	3	14	4	9	2	8	9	6	2	13
4	5	5	-	2	9	2	11	7	6	3	14	-	-	4	2
8	13	8	14	14	10	9	13	8	13	6	8	14	13	14	13

LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO
Curso de analfabetos e de aperfeiçoamento

No Centro Socialista de Lisboa

Número de ordem	Nome	Idade	Profissão	Data da matrícula
1	Manuel Gamboa	19	Carpinteiro	1-11-916
2	José Loureiro	18	Serralheiro	1-11-916
3	Abel Raimundo	14	Empregado no comércio	1-11-916
4	Renato Pedro Costa	15	Empregado no comércio	1-11-916
5	Arnaldo Ferreira da Silva	20	Electricista	1-11-916
6	António Joaquim Afonso	19	Pintor	1-11-916
7	Francisco José Afonso	17	Pintor	1-11-916
8	José Antunes	19	Aprendiz de pedreiro	1-11-916
9	Carlos Vaz da Cunha	14	Alfaiate	1-11-916
10	Dionísio Pedro	20	Pedreiro	1-11-916
11	Ermelinda dos Santos	21	Costureira	1-11-916
12	Umbelina Dias	18	Empregada na fábrica de tabacos.	1-11-916
13	Rosalina Costa	35	Engomadeira	1-11-916
14	Mário Cruz Costa	17	Correio	6-11-916
15	Joaquim Lucas	16	Serralheiro	7-11-916
16	Aníbal dos Reis	17	Serralheiro	7-11-916
17	João Baptista Teixeira	17	Sapateiro	9-11-916
18	Joana Mendes Chaves	14	Costureira	9-11-916
19	Tiago Rito	16	Aprendiz de carpinteiro	13-11-916
20	Júlio Santos Costa	15	Serralheiro	13-11-916
21	Mário de Almeida	15	Serralheiro	13-11-916
22	João Martins	25	Correio	13-11-916
23	Carlos de Almeida	16	Torneiro	3-11-916
24	Eduarda dos Santos	17	Costureira	15-11-916
25	José Filipe	15	Servente	14-11-916
26	Manuel Muralha	18	Pedreiro	14-11-916
27	Augusto Vicente	18	Torneiro	14-11-916
28	Manuel António Pereira	20	Pasteleiro	22-11-916
29	António José Magalhães	28	Pasteleiro	22-11-916
30	Alfredo da Silva	17	Empregado no comércio	24-11-916
31	Joaquim dos Santos	24	Chapeleiro	27-11-916
32	João Maria Ramos	24	Chapeleiro	18-12-916
33	José Gregório	15	Carpinteiro	19-12-916
34	Aires Abrantes	15	Torneiro de metais	19-12-916
35	Celeste Costa	-	Doméstica	26-12-916
36	Joaquim de Assunção	14	Empregado no comércio	2-4-917
37	José Mário Barata	22	Empregado no comércio	3-4-917
38	António de Almeida	28	Empregado no comércio	13-4-917
Média do curso . . .				

Professora, Francisca Romero

Novembro		Dezembro		Janeiro		Fevereiro		Março		Abril		Maio		Junho	
Dias lectivos 22		Dias lectivos 17		Dias lectivos 21		Dias lectivos -		Dias lectivos -		Dias lectivos -		Dias lectivos 22		Dias lectivos 20	
Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento
8	12	17	-	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
16	-	17	-	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
11	12	14	-	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
15	12	13	-	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
7	12	7	11	8	12	5	13	6	12	9	13	3	14	2	15
-	12	5	11	10	11	6	11	12	12	15	-	16	-	20	-
1	13	17	-	21	-	5	10	3	13	2	12	4	12	3	12
5	14	4	13	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
9	12	14	-	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	13	1	11	5	12	3	10	2	12	4	11	-	13	1	12
3	12	5	12	11	12	18	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1	11	-	12	8	11	3	12	-	12	4	13	7	13	-	-
2	10	12	-	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
5	13	2	13	4	12	6	12	3	11	7	10	2	13	5	12
-	11	2	12	20	-	-	-	-	-	8	13	6	14	-	-
3	10	6	11	17	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	13	3	13	14	12	3	13	4	14	9	15	5	15	8	14
3	11	14	-	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2	12	4	13	5	12	7	11	8	13	6	12	9	12	7	12
2	13	15	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1	14	16	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	11	1	14	3	12	20	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2	14	-	13	1	15	-	14	9	14	-	-	-	-	-	-
9	11	9	12	17	12	17	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	8	14	8	13	7	12	6	14	5	13	8	14	6	14
-	-	1	14	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	14	7	14	5	14	10	15	-	-	-	-	-	-
-	-	10	13	7	12	7	12	9	11	11	13	10	12	9	13
-	-	10	12	12	11	13	12	6	12	5	12	12	-	20	-
-	-	9	13	20	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	12	-	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	7	13	14	12	18	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	9	11	12	7	13	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	1	13	18	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	2	13	4	10	5	11	7	12	5	11	12	-
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12	3	14	2	15
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	11	16	-	20	-
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	14	-	15	3	16
19	12	19	11	19	12	19	12	16	12	9	13,9	8	13,3	1	12,8

LIGA NACIONAL
Curso de analfabetos

Na Secção Federal da Construção Civil do Alto do Pina (curso diurno)

Número de ordem	Nomes	Idade	Profissão dos pais	Data da matrícula
1	João Alves	9	Cauteleiro	1-11-916
2	Basílio A. da Costa	9	Canteiro	1-11-916
3	Alfredo M. da Costa	10	Canteiro	1-11-916
4	João de Matos	8	Trabalhador	1-11-916
5	Mabilia de Matos	7	Trabalhador	1-11-916
6	Antonio J. Baptista	8	Operário	1-11-916
7	Artur Martins	9	Empregado nos eléctricos.	1-11-916
8	Alberto Martins	6	Empregado nos eléctricos.	1-11-916
9	Marcolino Cardoso	7	Carpinteiro	1-11-916
10	Irene da Silva	8	—	1-11-916
11	José Dias	9	Mecânico	1-11-916
12	António Dias	7	Mecânico	1-11-916
13	Fernando Tabuado	8	Pintor	1-11-916
14	Alfredo Tabuado	7	Pintor	1-11-916
15	Carmen Tabuado	6	Pintor	1-11-916
16	Álfredo dos Santos	7	Pedreiro	1-11-916
17	Joel R. Zagalo	5	Ferreiro	1-11-916
18	Alfredo Ribeiro	10	Pedreiro	1-11-916
19	Américo da Cunha	5	Pedreiro	1-11-916
20	Felicíssimo Simões	7	Encadernador	1-11-916
21	Emílio N. Maia	9	Pedreiro	1-11-916
22	Raúl N. Maia	7	Pedreiro	1-11-916
23	Américo S. Capela	8	Carpinteiro	1-11-916
24	António L. Cego	6	Peixeiro	1-11-916
25	Aires dos Santos	6	Caieiro	1-11-916
26	Avelino Felício	6	Serralheiro	1-11-916
27	Bernardino Nunes	6	Pedreiro	1-11-916
28	Dinis da Silva	6	Sapateiro	1-11-916
29	Natália do T. Bonito	10	—	1-11-916
30	Julietta Ferreira	9	—	1-11-916
31	Manuel Esteves	9	Contínuo	1-11-916
32	Mário C. dos Santos	6	Pintor	1-11-916
33	Manuel Ferreira	9	Carregador	1-11-916
34	Acácia de Andrade	8	—	1-11-916
35	Florência de Andrade	7	—	1-11-916
36	Lutero A. do Amaral	12	Contínuo	1-11-916
37	Else A. do Amaral (b)	10	Contínuo	1-11-916
38	Lucília do Amaral	9	Contínuo	1-11-916
39	Carlos da Cruz	8	Empregado na Fábrica dos Tabacos.	1-11-916
40	Eduardo D. Rodrigues	8	Pedreiro	1-11-916
41	Anibal Pedro Cardoso	8	Pedreiro	1-11-916
42	Maria dos Santos	7	—	1-11-916

DE INSTRUÇÃO
e de aperfeiçoamento

Professor, Pedro António Bernardino

Novembro		Dezembro		Janeiro		Fevereiro		Março		Abril		Maio		Junho	
Dias lectivos 22		Dias lectivos 18		Dias lectivos 21		Dias lectivos 17		Dias lectivos 13		Dias lectivos 20		Dias lectivos 19		Dias lectivos 20	
Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento
4	8	6	9	9	10	6	10	2	12	5	12	6	14	3	14
5	9	8	10	6	11	4	10	—	—	—	—	—	—	—	—
5	7	8	8	5	10	4	9	—	—	—	—	—	—	—	—
5	12	3	12	6	14	2	15	2	15	10	16	—	17	1	16
9	9	5	9	9	10	3	9	5	9	14	10	8	12	6	9
13	7	9	7	13	7	17	—	—	—	—	—	—	—	—	—
5	9	2	9	4	9	2	12	3	12	2	14	1	15	3	10
10	6	10	7	12	7	4	8	7	8	2	8	1	10	3	7
—	12	1	11	3	12	—	14	1	15	—	16	—	15	—	12
—	11	2	10	4	10	—	12	2	12	—	13	—	13	—	10
3	10	3	10	5	10	4	14	4	14	3	15	—	17	—	17
9	6	8	7	8	7	10	8	4	7	3	8	1	8	—	7
3	11	6	11	9	9	5	9	3	10	9	10	19	—	20	—
6	6	9	7	11	7	7	6	5	7	7	6	19	—	20	—
8	9	12	8	15	8	12	6	6	8	20	—	19	—	20	—
6	6	7	7	8	6	7	7	—	—	—	—	—	—	—	—
4	11	6	10	5	8	5	9	3	8	4	9	9	11	20	—
1	10	8	8	10	9	10	8	—	—	—	—	—	—	—	—
8	6	6	7	14	6	12	6	5	7	—	—	—	—	—	—
4	10	8	9	4	9	6	10	3	9	2	8	—	13	—	11
2	15	1	14	5	11	6	11	3	13	5	15	6	14	5	10
5	7	6	7	8	7	6	7	5	7	7	8	16	7	6	7
3	12	6	10	5	9	3	9	2	12	2	12	5	12	—	10
6	11	4	12	5	7	5	9	4	9	20	—	14	13	9	14
6	6	9	6	9	6	10	6	6	6	2	8	19	—	20	—
6	6	9	6	9	7	5	7	4	7	12	8	19	—	20	—
8	5	10	5	4	8	4	6	—	8	7	7	1	7	1	8
9	9	9	8	11	8	11	6	8	7	20	—	19	—	20	—
3	13	4	13	7	11	7	9	3	11	8	12	15	11	6	10
3	13	3	14	6	12	7	11	3	13	7	14	11	16	4	14
2	10	4	11	4	10	2	12	2	12	2	14	6	12	4	10
5	8	5	9	13	7	17	—	—	—	—	—	—	—	—	—
5	8	5	12	4	10	1	10	3	12	—	15	6	15	5	12
4	9	4	10	6	10	7	10	—	—	—	—	—	—	—	—
6	7	4	8	6	8	8	7	—	—	—	—	—	—	—	—
1	14	1	15	1	15	1	16	2	17	—	18	—	18	—	15
—	18	—	18	—	19	1	19	—	20	—	20	—	20	—	20
1	17	—	17	—	17	1	18	—	19	5	19	4	16	4	14
1	17	—	18	2	16	—	16	—	18	—	19	5	15	—	12
—	16	2	16	3	15	2	15	2	16	2	17	—	18	—	15
—	16	1	18	1	16	2	16	2	17	—	19	—	16	—	13
6	9	11	8	13	8	10	7	8	8	5	10	3	9	5	8

Número de ordem	Nome	Idade	Profissão dos pais	Data da matrícula
43	Armando Massas	10	—	1-11-916
44	Adelaide Massas	7	—	1-11-916
45	José Marques	7	Comerciante	1-11-916
46	Aurora Ferreira	8	—	1-11-916
47	Paulo Mota	10	Carroceiro	1-11-916
48	Manuel Mota	9	Carroceiro	1-11-916
49	José Maria da Cruz	9	Serralheiro	1-3-917
50	Mariana Esteves	11	Contínuo	1-3-917
51	Eduardo dos Anjos	10	Alfaiate	1-4-917
Média do curso . . .				

(b) Fez exame de 1.º grau, ficando aprovado.

Novembro		Dezembro		Janeiro		Fevereiro		Março		Abril		Maio		Junho	
Dias lectivos 22		Dias lectivos 18		Dias lectivos 21		Dias lectivos 17		Dias lectivos 13		Dias lectivos 20		Dias lectivos 19		Dias lectivos 20	
Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento
4	16	1	15	2	15	2	15	-	17	3	18	3	13	-	13
4	12	4	13	5	13	2	16	-	17	2	18	2	18	-	15
9	6	11	7	9	9	3	10	5	9	3	10	2	15	2	12
8	9	6	9	2	10	4	13	6	16	2	14	3	12	4	9
6	10	7	11	8	10	3	12	3	14	-	15	-	16	-	11
6	9	9	8	8	9	3	11	3	11	-	12	-	12	1	9
-	-	-	-	-	-	-	-	2	14	2	16	5	14	-	12
-	-	-	-	-	-	-	-	-	15	2	17	9	14	16	10
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	16	6	16	3	12
37	10	34	10	31	10	35	10	33	10	33	13	28	13	27	11

LIGA NACIONAL

Curso de analfabetos

Na Secção Federal da Construção Civil do Alto do Pina (curso nocturno)

Número de ordem	Nome	Idade	Profissão	Data da matrícula
1	Manuel Joaquim	33	Pedreiro	1-11-916
2	José Andrade	30	Carpinteiro	1-11-916
3	Estêvão Vicente	21	Pedreiro	1-11-916
4	Raúl da Costa	17	Canteiro	3-11-916
5	António Nunes de Melo	14	Pintor	3-11-916
6	Bonifácio da Cruz	10	Empregado de escritório	3-11-916
7	Armando da Silva	12	Empregado na fábrica	5-11-916
8	Raúl dos Santos	16	Funileiro	5-11-916
9	António da Costa	19	Pedreiro	1-11-916
10	Joaquim Baptista	18	Sapateiro	1-11-916
11	José Gomes	12	Vendedor de pão	1-11-916
12	António Pais	13	Vendedor ambulante	1-11-916
13	Helder Vitorino Alves	15	Aprendiz de carpinteiro	2-11-916
14	Manuel Baptista	18	Sapateiro	2-11-916
15	Jorge dos Santos	15	Aprendiz de carpinteiro	2-11-916
16	Agostinho Felício	35	Canteiro	1-11-916
17	Mário Bernardino	13	Marceneiro	3-11-916
18	Estêvão Moreira	15	Servente de pedreiro	3-11-916
19	Alfredo da Silva	13	Cauteleiro	5-12-916
20	Sotero Martins (b)	15	Torneiro mecânico	3-11-916
21	Luís José Ferreira	15	Torneiro mecânico	5-11-916
22	Engrácia Maria	12	Costureira	5-11-916
23	Manuel Brás	22	Pedreiro	5-11-916
24	Irene Martins	12	Doméstica	5-11-916
25	José Pereira Santa Rosa	15	Pedreiro	5-11-916
26	Bento Eduardo Pinto	16	Fundidor de metal	5-11-916
27	Cristiana Cadima	12	Empregado na fábrica	3-11-916
28	João Gomes	18	Pedreiro	1-11-916
29	Francisco Rocha	17	Pedreiro	1-11-916
30	Sara Martins	14	Doméstica	1-11-916
31	Venâncio Lopes	17	Empregado de automóveis	1-11-916
32	Júlio da Silva	11	Sem emprego	1-11-916
33	António Pereira Júnior	18	Brochante	3-1-917
34	Alberto Pereira Júnior	12	Serralheiro	3-1-917
35	Bento Pereira	30	Carpinteiro	3-1-917
Média do curso				

(b) Fez exame de 1.º grau, ficando aprovado.

DE INSTRUÇÃO

e de aperfeiçoamento

Professora, Maria Antónia Bernardino

Novembro		Dezembro		Janeiro		Fevereiro		Março		Abril		Maio		Junho	
Dias lectivos 22		Dias lectivos 15		Dias lectivos 21		Dias lectivos 17		Dias lectivos 13		Dias lectivos 19		Dias lectivos 19		Dias lectivos 20	
Faltas	Aprovel-tamento	Faltas	Aprovel-tamento	Faltas	Aprovel-tamento	Faltas	Aprovel-tamento	Faltas	Aprovel-tamento	Faltas	Aprovel-tamento	Faltas	Aprovel-tamento	Faltas	Aprovel-tamento
4	10	2	12	1	15	1	15	4	15	1	15	3	16	7	16
3	15	4	16	-	15	1	15	-	15	1	16	3	18	2	18
4	12	5	13	4	12	-	12	7	12	6	14	7	15	13	16
12	15	6	16	3	9	17	-	3	10	6	10	10	12	13	12
4	10	7	11	15	10	6	10	13	-	5	12	7	14	15	14
4	15	2	15	1	13	-	13	-	14	-	16	1	17	3	17
8	12	5	12	1	18	3	10	1	10	-	11	7	17	9	17
6	10	9	11	4	10	-	10	9	12	5	12	15	14	8	14
10	9	7	10	5	10	4	10	4	10	5	12	12	13	13	13
17	9	8	10	10	8	8	8	6	10	9	9	8	10	14	9
4	12	9	13	5	15	2	15	6	14	9	16	-	18	2	18
9	9	7	10	4	11	4	11	3	12	5	12	11	13	6	13
12	9	7	10	9	11	3	11	3	10	7	12	13	13	6	13
12	6	11	8	12	8	8	8	3	10	16	9	12	10	8	10
16	8	9	10	6	7	8	7	6	8	13	8	15	9	6	10
2	10	13	12	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
6	12	3	13	2	13	1	13	-	14	2	14	2	15	2	16
12	12	4	11	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
18	6	10	8	9	6	4	6	3	12	2	7	11	8	16	9
4	12	-	15	2	14	-	14	4	15	3	16	2	18	3	18
18	9	6	10	9	9	7	9	7	10	3	10	13	12	12	12
13	12	10	12	4	14	3	14	3	14	2	16	2	17	5	18
18	7	15	-	10	6	9	6	3	12	17	-	14	8	10	12
7	8	-	12	2	13	1	13	3	13	3	14	3	15	4	17
12	8	8	10	3	14	1	14	7	11	1	15	1	16	5	16
10	9	6	12	3	12	6	12	4	14	6	13	12	14	11	15
7	10	5	13	8	14	2	14	4	9	4	16	3	18	2	18
7	10	8	12	14	12	17	-	13	-	19	-	10	16	12	15
12	10	-	15	12	10	17	-	13	-	19	-	9	13	10	15
8	10	-	12	1	13	4	13	-	13	3	15	1	16	3	17
11	9	7	11	14	9	15	-	13	-	19	-	10	12	14	12
9	12	2	13	2	12	-	12	3	10	-	15	3	17	2	17
-	-	-	-	2	12	-	12	-	13	3	14	6	16	3	16
-	-	-	-	1	14	-	14	-	13	2	16	5	16	2	16
-	-	-	-	2	14	1	14	-	13	2	16	3	17	2	18
19	10	19	11	24	17	25	12	23	12	20	13	23	14	20	14

LIGA NACIONAL

Curso de

Na Secção Federal da Construção Civil de Palma e arredores (aula diurna)

Número de ordem	Nome	Idade	Profissão dos pais	Data da matrícula
1	Américo da Conceição	8	Funileiro	12-6-915
2	Francisco Nunes Ribeiro	7	Comerciante	12-5-915
3	António Roque	10	Peixeiro	12-6-915
4	Miquelina Gonçalves	7	Pedreiro	2-7-915
5	Casimiro Ribeiro	7	Leiteiro	1-3-915
6	António Oliveira	7	Forneiro	28-7-915
7	José Soares	9	Trabalhador	8-5-916
8	Luís Vasques	9	Empregado no hospital	10-5-915
9	Carlos Félix	6	Carpinteiro	17-5-915
10	Armando Vasques	5	Empregado no hospital	10-5-915
11	Laurinda da Conceição	6	Forneiro	10-5-915
12	António Rodrigues	7	Maquinista	21-5-915
13	José Moreira	8	Pedreiro	1-6-915
14	Manuel Plácido	9	Trabalhador	11-6-915
15	Ermelinda Conceição	6	Funileiro	12-6-915
16	Leopoldina Gomes	7	Trabalhador	15-10-915
17	Augusto Jerónimo	6	Carpinteiro	21-2-916
18	Manuel Ribeiro	5	Leiteiro	1-3-916
19	José Ribeiro	6	Leiteiro	18-3-916
20	Maria Ferreira	8	Oleiro	3-12-916
21	Emília de Oliveira	9	Ferro velho	3-12-915
22	João de Oliveira	6	Ferro velho	3-12-915
23	Jaime Rabaça	6	Carpinteiro	1-4-916
24	Armando Rabaça	7	Carpinteiro	1-4-916
25	Augusto Santos	9	Canteiro	8-5-916
26	Joaquim Baptista	8	Empregado	1-5-916
27	Domingos Correia	6	Canteiro	1-8-916
28	Maria Rocha	6	Peixeiro	15-8-916
29	Alcinda Ferreira	6	Trabalhador	16-8-916
30	João Baptista	7	Canteiro	8-5-916
31	Jaime da Conceição	6	Funileiro	8-5-916
32	Maria Silva	8	Pedreiro	2-1-916
33	Maria Travão	6	Trabalhador	7-11-916
34	Pilar de Almeida	6	—	21-11-916
35	Natalina Moreira	5	Pedreiro	1-6-915
36	Aurora Sequeira	7	Pedreiro	27-12-916
37	João Ferreira	9	Carroceiro	9-1-917
38	António Nunes	7	—	12-10-916
39	Carlos Oliveira	9	Pedreiro	16-1-917
40	Alfredo Moreira	7	Serralheiro	16-1-917
41	Manuel Moreira	6	Serralheiro	16-1-917
42	Avelino Ferreira	7	Pedreiro	1-8-916
43	José Vaquinhas	6	—	16-3-917
44	Francisco Gomes	6	Trabalhador	27-2-917
45	Mariana Pires	7	—	1-3-917

DE INSTRUÇÃO

analfabetos

Professora, Maria do Carmo Grova

Novembro		Dezembro		Janeiro		Fevereiro		Março		Abril		Maio		Junho	
Dias lectivos 22		Dias lectivos 21		Dias lectivos 21		Dias lectivos 20		Dias lectivos 22		Dias lectivos 21		Dias lectivos 21		Dias lectivos 21	
Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento	Faltas	Aproveitamento
-	17	21	-	5	12	5	12	22	-	21	-	21	-	21	-
-	17	-	18	-	12	20	-	22	-	21	-	21	-	21	-
-	17	9	18	11	12	20	-	22	-	21	-	21	-	21	-
7	16	20	-	10	12	3	12	9	12	9	12	18	-	7	12
3	16	-	17	-	14	3	12	-	12	1	12	1	12	21	-
-	17	-	18	-	14	3	12	22	-	21	-	21	-	21	-
1	17	-	18	1	12	1	12	1	12	3	12	-	12	15	-
-	18	-	18	3	14	3	14	6	14	2	14	5	12	4	12
-	17	-	18	-	12	2	14	6	14	-	14	-	14	-	14
3	14	-	15	2	12	3	12	2	12	-	12	5	12	4	12
7	9	9	10	4	10	10	12	6	12	8	10	9	12	21	-
-	16	-	16	2	12	9	14	-	14	2	14	-	14	2	14
-	14	-	14	11	6	8	14	22	-	21	-	21	-	21	-
3	14	-	14	4	12	17	-	22	-	21	-	21	-	21	-
7	9	20	-	9	10	10	12	22	-	21	-	21	-	21	-
8	10	17	-	13	10	7	12	4	12	1	12	7	12	6	12
22	-	22	-	-	14	2	12	3	12	-	12	2	12	3	12
-	18	-	16	-	14	2	14	-	14	2	14	-	14	21	-
-	10	-	10	-	14	2	14	-	14	2	14	-	14	21	-
-	16	2	16	2	12	9	12	3	12	1	12	11	12	8	12
-	16	-	16	1	12	3	12	2	12	1	12	3	12	1	12
-	15	-	15	1	12	2	12	3	12	1	12	2	12	-	12
22	-	-	10	1	12	16	-	6	10	2	10	10	10	6	10
22	-	2	15	15	6	13	6	6	12	2	12	8	10	6	10
3	16	-	16	-	12	2	12	1	12	1	12	4	12	-	-
3	10	13	9	11	12	15	-	5	12	10	10	21	-	21	-
2	10	15	9	19	-	20	-	22	-	21	-	21	-	21	-
-	9	10	10	18	-	20	-	-	14	-	14	21	-	21	-
-	10	7	10	8	6	10	12	20	-	21	-	21	-	21	-
-	10	-	10	5	12	2	14	5	12	1	12	13	10	8	10
7	10	20	-	12	6	8	12	22	-	21	-	21	-	21	-
22	-	-	9	7	6	9	12	-	10	2	12	3	12	4	12
-	10	-	10	3	6	10	6	22	-	21	-	21	-	21	-
-	10	-	10	-	10	4	12	1	10	9	10	5	10	13	10
22	-	13	9	19	-	20	-	22	-	21	-	21	-	21	-
-	-	-	10	2	12	10	12	5	12	2	12	3	12	5	12
-	-	-	-	3	12	5	12	6	12	4	12	3	12	6	12
-	-	-	-	19	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	2	12	12	12	10	12	9	12	13	12	5	12
-	-	-	-	2	12	12	12	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	2	12	12	12	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	-	-	-	-	-	12	3	12	13	12	-	-
-	-	-	-	-	-	-	-	-	12	1	12	8	12	6	12
-	-	-	-	-	-	-	-	-	14	2	14	8	12	4	12

Número de ordem	Nome	Idade	Profissão dos pais	Data da matrícula
46	Maria Rocha	10	Canteleiro	30-3-917
47	Henrique Félix	6	Trabalhador	1-3-917
48	Rodrigo Ferreira	6	Pedreiro	1-6-916
49	Guilherme Vieira	9	Pintor	3-4-917
50	Valentim Vieira	7	Pintor	3-4-917
51	João Barroso Baptista	9	Pedreiro	1-8-916
52	Maria da Luz	7	—	12-3-917
53	Carlos Monteiro	7	Ferro velho	2-4-917
54	José Gomes	6	Trabalhador	2-4-917
55	Rosenda Lourenço	5	Forjador	30-4-917
56	Manuel Plácido	9	Trabalhador	11-6-916
57	Sebastião Rodrigues	5	Maquinista	1-6-917
58	Raquel Almeida	9	—	8-5-917
59	Júlio dos Santos	5	Trabalhador	4-6-917
60	Mário Lopes	5	Estucador	5-6-917
61	Hortense Nunes	6	Pedreiro	1-6-917
82	Carlos Silva	6	Estucador	11-6-917
63	Horácio Lopes	6	Sapateiro	12-4-917
64	Sebastião Pais	7	Marchante	1-6-917
Média do curso . . .				

Novembro		Dezembro		Janeiro		Fevereiro		Março		Abril		Maio		Junho	
Dias lectivos 22		Dias lectivos 21		Dias lectivos 21		Dias lectivos 20		Dias lectivos 22		Dias lectivos 21		Dias lectivos 21		Dias lectivos 21	
Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento
-	-	-	-	-	-	-	-	-	14	-	14	21	-	21	-
-	-	-	-	-	-	-	-	-	14	11	12	13	12	18	-
-	-	-	-	-	-	-	-	-	14	11	12	14	10	18	-
-	-	-	-	-	-	-	-	3	12	2	14	6	12	3	12
-	-	-	-	-	-	-	-	2	12	2	14	3	12	3	12
-	-	-	-	-	-	-	-	11	12	11	12	13	10	8	12
-	-	-	-	-	-	-	-	9	12	8	12	-	-	-	-
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10	10	-	12	-	12
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10	10	7	10	6	12
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10	10	-	10	3	10
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	10	-	-
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	18	-	14	-
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12	3	12
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	12
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9	12
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	12
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	12
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10	10	2	12	10	10
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	14
-	-	-	-	5	12	10	12	5	12	6	12	9	11	8	11

LIGA NACIONAL

Curso de aper

Na Secção Federal da Construção Civil de Palma e Arredores (aula nocturna)

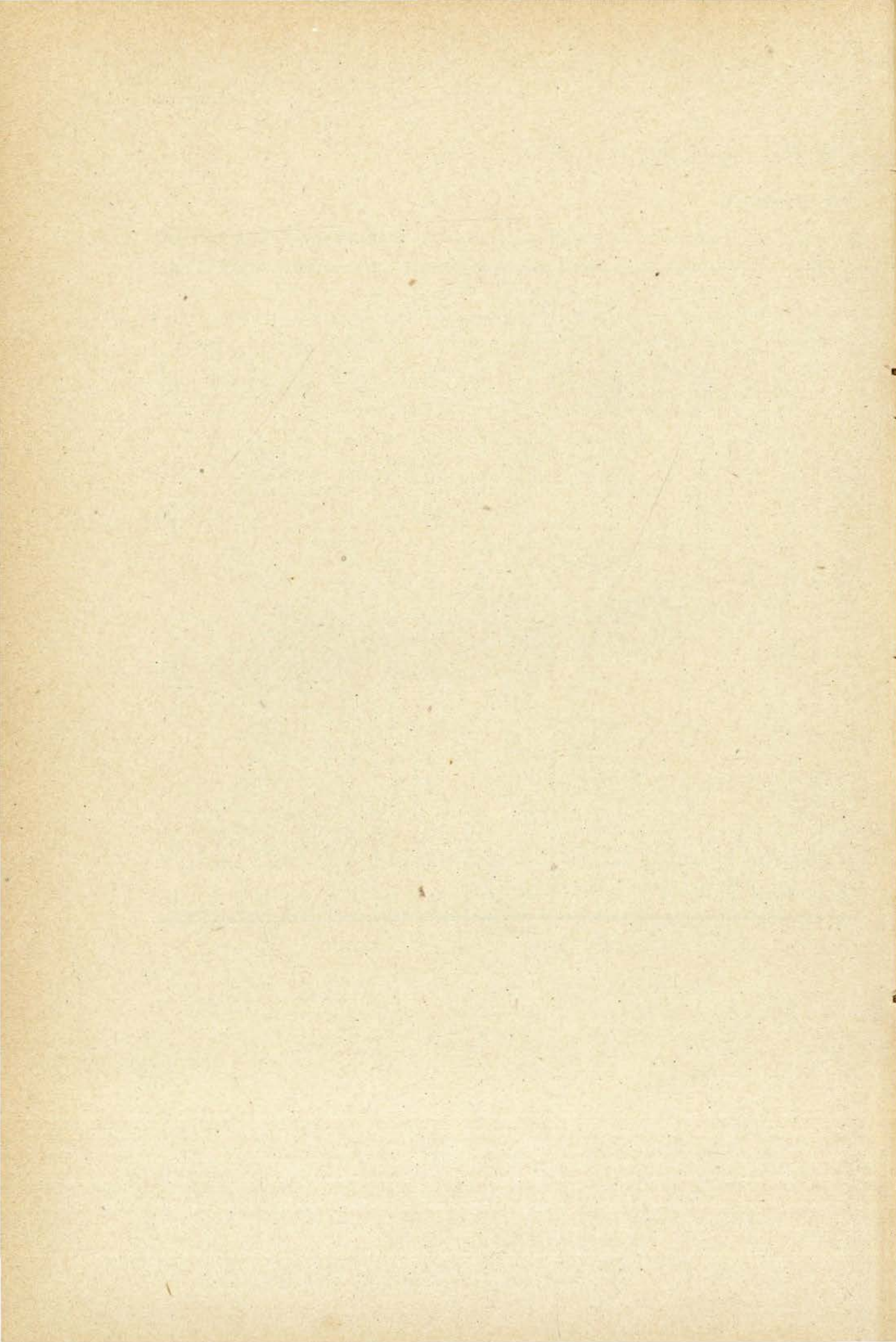
Número de ordem	Nome	Idade	Profissão	Data da matrícula
1	João Dias	15	Serralheiro	19-4-915
2	João Simões	22	Servente	1-5-915
3	José Afonso	25	Pedreiro	4-5-915
4	António Martins	23	Servente	19-4-915
5	Mário Soares	9	—	3-9-915
6	José Soares	7	—	3-9-915
7	Jaime Silva Lucas	9	Carroceiro	14-7-915
8	José Ribeiro da Silva	11	Canteiro	1-2-916
9	Augusto Nunes	11	—	21-6-916
10	José Valeia	18	Trabalhador	1-11-916
11	José Bentes	16	Servente	18-11-916
12	Armando Pais	12	—	27-4-917
13	Fernando Pais	11	—	27-4-917
14	Mário Silva	10	—	11-3-917
15	Raúl Jorge	18	Servente	22-3-917
16	Domingos Martins	25	Pedreiro	19-4-915
17	Francisco José Fonseca	12	Aprendiz	3-10-915
18	Francisco Coelho	16	Pedreiro	2-4-917
19	José Henriques	12	Servente	2-4-917
20	António Correia	18	Fabricante	2-5-917
21	José de Azevedo	19	Servente	23-4-917
22	Raúl Joaquim Silva	8	—	1-6-917
23	Francisco Coelho	27	Pedreiro	1-4-917
24	António Henriques	30	Pedreiro	1-4-917
				Média do curso

DE INSTRUÇÃO

feioamento

Professor, Lima da Costa

Novembro		Dezembro		Janeiro		Fevereiro		Março		Abril		Maio		Junho	
Dias lectivos 22		Dias lectivos 21		Dias lectivos 21		Dias lectivos 22		Dias lectivos 22		Dias lectivos 21		Dias lectivos 21		Dias lectivos 21	
Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento	Faltas	Aprovei- tamento
4	17	3	17	0	16	9	16	4	16	3	16	10	16	13	12
0	17	2	17	0	16	0	16	0	16	0	16	0	16	4	12
1	14	2	14	0	12	0	12	4	12	0	12	4	12	5	12
6	10	5	10	3	12	5	12	4	12	8	12	5	12	12	10
0	17	0	17	0	12	4	12	4	12	7	12	3	12	5	12
1	17	2	17	0	12	3	12	6	12	5	12	4	12	2	12
4	17	3	17	2	12	6	12	3	12	10	12	9	12	17	0
3	17	0	17	7	14	8	14	0	14	9	14	13	12	18	0
3	17	3	17	7	12	5	12	0	12	8	12	3	12	3	12
1	9	0	9	4	12	4	12	6	12	7	12	0	12	12	10
3	9	4	9	0	0	1	12	6	12	9	12	5	12	4	12
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	10	2	10	0	10
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	10	5	10	0	10
-	-	-	-	-	-	-	-	7	10	10	10	8	10	13	10
-	-	-	-	-	-	-	-	0	12	0	12	4	12	5	12
-	-	-	-	-	-	7	-	9	12	5	12	9	12	13	12
-	-	-	-	-	-	4	-	7	10	7	10	11	10	9	10
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	-	-	2	-	0	14	6	14	3	12	3	12
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13	10	-	-
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	12	-	-	14	0
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	12	0	12	13	10
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	12	5	12	11	10
2	14	4	14	4	13	4	12	5	12	6	12	6	11	9	11



**MAPAS ESTATÍSTICOS DA MATRÍCULA
DOS CURSOS QUE COMEÇARAM A FUNCIONAR
NO ANO LECTIVO DE 1917-1918**

LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

CENTRO ESCOLAR DE CAMPO DE OURIQUE

Curso nocturno (analfabetos)

Professora, Alice Ribeiro

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões
1	José das Dores Beltrão	17	Carpinteiro.
2	Beatriz Gonçalves	26	Trabalhador.
3	António Dores Beltrão	16	Carpinteiro.
4	Vilator Madeira Piçarra	11	Carpinteiro.
5	Francisco Marques	24	Trabalhador.
6	Américo Ferreira	15	Trabalhador.
7	Agostinho Santos	15	Trabalhador.
8	Boaventura Gomes	12	Pedreiro.
9	Afonso Querido	16	Pedreiro.
10	José Correia	15	Pedreiro.
11	António Nunes	11	Pedreiro.
12	Cândido Costa	16	Pedreiro.
13	Deodato Marques	10	Aprendiz.
14	Piedade Amélia Santos	16	Trabalhadeira.
15	Afonso Carlos Cabral	28	Proprietário.
16	Carlos Valentim	13	Trabalhador.
17	Adelina Gonçalves Costa	17	Trabalhadeira.
18	João Rodrigues	13	Aprendiz.
19	Joaquim Amâncio Fernandes	10	Aprendiz.
20	Luisa Martins dos Santos	24	Trabalhadeira.
21	António da Luz Costa	18	Carpinteiro.
22	José Pinto	14	Carpinteiro.
23	Amadeu Santos	13	Carpinteiro.
24	José António Gouveia	14	Carpinteiro.
25	Maria Teresa Loureiro	17	Trabalhadeira.
26	José António Lacueva	19	Trabalhador.
27	Américo da Silva	13	Trabalhador.
28	Francisco Gomes de Pinho	19	Trabalhador.
29	Celeste Rodrigues Hingá	14	Trabalhador.
30	José Maria Marques	13	Trabalhador.
31	Mário Ferreira	12	Trabalhador.
32	Fernando Correia	14	Trabalhador.
33	António Pinto	26	Trabalhador.

LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

CENTRO ESCOLAR DE CAMPO DE OURIQUE

Curso nocturno (aperfeiçoamento)

Professor, José Pinto Guedes de Paiva

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões
3	José Maria Lopes	16	Canteiro.
6	Nicolau Figueiras	17	Aprendiz de serralheiro.
7	Pedro Nunes Marques	18	Trabalhador.
11	Carlos da Graça Ferreira	29	Merceeiro.
12	José Lourenço Tavares	27	Carpinteiro.
16	Manuel Caetano da Costa	14	
17	José Caetano da Costa	18	Trabalhador.
20	Manuel Reis Júnior	16	
23	Albino Domingos Silva	34	Proprietário.
24	António Fraga Vieira	16	
32	Luís da Costa	17	Pedreiro (aprendiz).
40	Manuel da Paz	12	
42	Maria da Ascensão	16	
43	José António Fernandes	12	
45	Mário do Carmo Moreira	17	
50	Vitor Alves Neto	24	Trabalhador.
51	Juventino José Franco	26	Tipógrafo.
53	Raúl Alfredo dos Santos	16	
71	Miguel Paiva	17	
72	Augusto Conceição Paz	17	
74	Abílio Gonçalves Fidalgo	14	
78	Agostinho Pinto	15	
86	José Vieira Lino	15	
88	Francisco Oliveira Anjo	15	
90	José Cristóvão	14	
91	Eduardo Cristóvão	12	
93	João Simões	25	
94	Filipe Curato	19	
95	António Ribeiro	14	
96	António Maria Franco	18	
117	Joaquim Madeira Piçarra	13	
121	Artur dos Santos Ferreira	14	
125	José António Santos	13	
126	João António dos Santos	11	
128	José Tomás	20	Pedreiro.
130	Raúl dos Santos	17	
131	José Mansilhas Casais	17	
132	Roque Marques	16	
138	António Ferreira	13	
140	Manuel Fernandes Lopes	26	
141	Francisco Fernandes	15	Proprietário.
143	Frederico Raúl Sant'Ana	16	
144	Jacinto Nunes	17	
146	Francisco H. Oliveira	14	
147	Rosa Leonor Castela	27	
149	Manuel Alves Neto	20	

LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

GRÊMIO POPULAR

Curso nocturno (analfabetos)

Professora, Alice de Jesus Matos

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões
1	José Cláudio	12	Vendedor ambulante.
2	José da Costa	13	Funileiro (aprendiz).
3	Lourença da Purificação	24	Doméstica.
4	Manuel Dias	13	Carpinteiro (aprendiz).
5	Mariano Marques	15	Carpinteiro (aprendiz).
6	Joaquim Martins.	18	Trabalhador.
7	Antônio da Cruz.	15	Moço de fretes.
8	Zeferino dos Santos	24	Operário.
9	Cecília Maria	14	Costureira (aprendiza).
10	Alice da Glória	12	Costureira (aprendiza).
11	Gertrudes Pereira	17	Costureira.
12	João Pudim	12	Vendedor ambulante.
13	Armando Alves	18	Criado.
14	José Fernando Santa Rita	12	Sem profissão.
15	Eugénio Neves.	24	Pedreiro.
16	Martinho Simão	20	Pintor.
17	Manuel Simão	16	Pintor.
18	José Gomes	12	Carpinteiro (aprendiz).
19	Glória dos Santos	14	Costureira (aprendiza).
20	Domingos dos Santos.	12	Engraxador.
21	José António Serra.	12	Vendedor ambulante.
22	Rodolfo Pereira	12	Marçano.
23	Joaquim Lopes	14	Marceneiro (aprendiz).
24	Eduardo Borges	14	Barbeiro.
25	Antônio Cláudio	15	Vendedor ambulante.
26	Júlio Chaves	15	Marceneiro.
27	José de Sousa	32	Carregador.
28	César da Silva.	17	Sapateiro.
29	Maria da Glória	14	Costureira (aprendiza).
30	Antônio Vitorino.	21	Sapateiro.
31	Eugénio Augusto.	17	Operário.
32	João Vieira	18	Serralheiro.
33	José Joaquim	25	Marujo.
34	Domingos Pereira	15	Pintor.

LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

GRÉMIO POPULAR

Curso nocturno (aperfeiçoamento)

Professora, Maria Luisa Dias

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões
1	Diogo Faria	14	Criado.
2	Francisco Santos.	15	Torneiro (aprendiz).
3	Manuel Domingos	19	Empregado do comércio.
4	João Roque	25	Marinheiro.
5	Filipe Fernandes.	14	Vendedor ambulante.
6	José Lopes	17	Correio.
7	Júlio Trindade.	19	Empregado do comércio.
8	Maria Albertina	15	Costureira.
9	João Vicente	25	Fiscal das subsistências.
10	Anibal Vieira	12	Empregado de escritório.
11	Manuel Justo	28	Fiscal das subsistências.
12	José Trindade.	19	Pregueiro.
13	Carlos Cunha	13	Pregueiro.
14	Álvaro Santos	17	Empregado do comércio.
15	José Simões	33	Empregado do comércio.
16	Sebastião Marques	18	Empregado do comércio.
17	Manuel Borges.	28	Criado.

LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

ESCOLA DE ENSINO LIVRE DO ALTO DO PINA

Curso diurno

Professor, Pedro António Bernardino

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões dos pais
1	Marcolino Cardoso	9	Carpinteiro.
2	Luís Cardoso	7	Carpinteiro.
3	Carmen de Azevedo	7	Carpinteiro.
4	António Luís Cego	7	Peixeiro.
5	Rafael José da Rocha	8	Sapateiro.
6	Eduardo Domingos Rodrigues.	9	Pedreiro.
7	Margarida da Conceição Dias.	7	Pintor.
8	Luís Gonçalves	7	Fundidor.
9	Adelaide Massas.	9	Serralheiro.
10	Armando Massas.	11	Serralheiro.
11	João Pedro	7	Pedreiro.
12	Gertrudes da Silva Pedro.	10	Pedreiro.
13	Manuel Ferreira Gonçalves.	12	Carregador.
14	Júlio Lima	11	Sapateiro.
15	Adélia Lima.	9	Sapateiro.
16	Servo da Silva Mendes.	7	
17	Deolinda Cândida de Oliveira.	9	
18	Lucília Emília do Amaral.	10	Contínuo.
19	Lutero Augusto do Amaral	12	Contínuo.
20	Natália do Nascimento Bonito.	11	Jardineiro.
21	Julietta da Conceição Ferreira.	10	Jardineiro.
22	Avelino Felício	7	Serralheiro.
23	João de Matos.	9	Trabalhador.
24	Mabilia de Matos	8	Trabalhador.
25	Armando Brito e Costa.	7	Primeiro cabo artilheiro.
26	Dinis Aurélio da Silva.	7	Marceneiro.
27	Aníbal Pedro Cardoso	9	Pedreiro.
28	Maria dos Santos.	8	Cordoeiro.
29	Teresa de Oliveira.	10	Tecelão.
30	Irene de Oliveira	7	Tecelão.
31	João Nunes Botica.	9	Carpinteiro.
32	Luísa Delgado Lourença	8	Serralheiro.
33	Hortense Nunes Cleto	11	Estucador.
34	Antónis Ferreira Cleto	12	Estucador.
35	Irene da Silva	9	Segundo sargento.
36	Américo Simões Capela.	9	Carpinteiro.
37	Maria Rosa Borges.	11	Pedreiro.
38	Raul Jesus Rodrigues	6	Moço de fretes.
39	Emília Jorge Borges	7	Sapateiro.
40	José Dias	9	Mecânico.
41	António Dias	8	Mecânico.
42	Felicíssimo Simões	8	Encadernador.
43	Maria de Jesus Rodrigues	10	Moço de fretes.
44	Carlos da Cruz	9	
45	Deolinda Pereira dos Santos	11	Correio.

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões dos pais
46	Arlete Pereira dos Santos.	8	Correeiro.
47	Eduardo Augusto da Costa	6	Alfaiate.

LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

ESCOLA DE ENSINO LIVRE DO ALTO DO PINA

Curso nocturno

Professor, Pedro António Bernardino

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões
1	José da Silva Mendes	13	Canteiro.
2	Alfredo Baptista	14	Aprendiz de carpinteiro.
3	Manuel Joaquim Soares	34	Pedreiro.
4	Engrácia Maria Alves	13	Costureira.
5	João Alves	12	
6	Américo Alvê	14	Cuteleiro.
7	José Morais Sarmento	16	Pintor.
8	Mário do Carmo Lajes	14	Sapateiro.
9	Maria do Carmo Lajes	13	Costureira.
10	Maria da Purificação Lajes	12	Doméstica.
11	José Maria da Cruz	12	Cordoeiro.
12	Cristiana Cadima	13	Tecelã.
13	António Paixão	13	Servente.
14	Josefa Paixão	14	Costureira.
15	José de Andrade	32	Carpinteiro.
16	Bento Pereira	32	Carpinteiro.
17	Augusto Inácio	13	Servente.
18	Bemvinda Henrique Inácio	16	Ajuntadeira.
19	Bonifácio da Cruz	12	Empregado de escritório.
20	Aida Palmira Saldanha	24	Doméstica.
21	Manuel Joaquim Fava	12	Aprendiz de sapateiro.
22	João Botica	14	Fasqueador.
23	Júlio Gonçalves Costa	14	Pintor.
24	Eduardo Marques	30	Contínuo.
25	António Lobato	26	Pedreiro.
26	Ester da Silva Mendes	15	Criada.
27	Maria do Carmo	16	Doméstica.
28	Henrique dos Santos	14	Aprendiz de carpinteiro.
29	Albano Pereira	15	Servente.
30	Mário Bento	13	Servente.
31	Trindade Lopes de Carvalho	17	Modista.
32	Firmo Lopes de Carvalho	15	
33	José Rodrigues da Silva	15	Servente.
34	João da Cruz	19	Escriturário.
35	Diamantino de Sousa	12	
36	Etelvina da Conceição Alves	22	Cigarreira.
37	Eduardo Alves	31	Soldador.
38	Balmira de Matos	12	Doméstica.
39	Leopoldo de Matos	11	
40	José Marques e Silva	17	Sapateiro.

LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

ESCOLA DO ALTO DO VAREJÃO

Curso nocturno

Professora, Elvira Adelaide Reis Duarte

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões
1	Quintina Ramos	19	Fabricanta.
2	Alberto Gomes.	13	Marceneiro.
3	Cora da Silva Simões.	14	Estudante.
4	Olivia Viegas	18	Fabricanta.
5	Isabel Gomes	11	Doméstica.
6	Emília Gomes	18	Fabricanta.
7	Isabel Barroso.	21	Fabricanta.
8	Deolinda Elisa dos Santos	17	Fabricanta.
9	Alexandra Palmira.	11	Estudante.
10	Berta Marques.	13	Fabricanta.
11	José Marques Júnior.	10	Cordoeiro.
12	António Marques	8	Estudante.
13	Maria da Piedade	20	Doméstica.
14	Teresa da Conceição	19	Fabricanta.
15	Sebastião José Coutinho	15	Marceneiro.
16	Engrácia dos Santos	16	Fabricanta.
17	José Augusto de Sousa	13	Cordoeiro.
18	Jacinto Rodrigues Pratas.	12	Estudante.
19	Felismina Maria de Oliveira.	34	Doméstica.
20	Maria Justina	13	Costureira.
21	Francisco da Cruz	21	Trabalhador.
22	Augusto da Veiga	17	Trabalhador.
23	José da Silva Nogueira.	19	Serralheiro.
24	Norberto Pires.	19	Trabalhador.
25	Faustino Correia Aguiar	20	Marceneiro.
26	José de Oliveira	17	Marceneiro.
27	José Miguel de Oliveira	18	Serralheiro.
28	Aurora Elisa dos Santos	19	Costureira.
29	José Alves do Couto	15	Serralheiro.
30	Tomás dos Santos	21	Trabalhador.
31	Alberto de Oliveira	19	Barbeiro.
32	Álvaro Pinto Salgado.	15	Serralheiro.
33	José da Gama	14	Estudante.
34	Manuel de Almeida.	17	Serralheiro.
35	António Fernandes.	15	Serralheiro.
36	Emília Santos	18	Fabricanta.
37	Ana Cravo	25	Cigarreira.
38	Celeste Cravo	11	Estudante.
39	Lúcia Isabel dos Santos	12	Estudante.
40	Francisco Correia Aguiar.	17	Trabalhador.
41	Afonso da Encarnação	14	Marceneiro.
42	Josefa Maria	22	Cigarreira.
43	Adelino Augusto da Cunha	18	Serralheiro.
44	António Luís Amaral.	31	Trabalhador.
45	Isaul Correia Aguiar	24	Tecelão.
46	António Marques.	22	Trabalhador.

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões
47	Natália da Conceição	21	Cigarreira.
48	Silvéria Viegas	13	Doméstica.
49	António Viegas	22	Serralheiro.
50	Margarida Marques	22	Cigarreira.
51	Manuel Maurício	10	Estudante.
52	Luís António Oliveira	23	Marceneiro.
53	Angelino Pratas	24	Sapateiro.
54	Adelina Gama	9	Estudante.
55	Quintina Ramos	19	Fabricanta.
56	Albano dos Santos	19	Serralheiro.
57	Raúl Ferreira	19	Trabalhador.
58	Maauel Simões Ribeiro	12	Cordoeiro.
59	Fernando Assunção	15	Marceneiro.
60	Henrique dos Santos	17	Serralheiro.
61	Vitalina da Silva Simões	10	Estudante.
62	Isaura Cândida Cabral	16	Doméstica.
63	Bruno Simões Ribeiro	10	Estudante.
64	Beatriz da Conceição	21	Cigarreira.
65	Isaura da Conceição	16	Doméstica.
66	Albertina da Glória	17	Cigarreira.
67	Silvina do Nascimento	15	Doméstica.
68	Adelino dos Santos	13	Doméstica.
69	João Martins	12	Estudante.
70	João Setil	14	Cordoeiro.
71	Faustino Cravo	15	Trabalhador.
72	Guilherme da Silva	11	Sapateiro.
73	Homero Dias Vieira	12	Sapateiro.
74	Emília Nascimento dos Santos	10	Estudante.
75	Blandina Aratijo	17	Doméstica.
76	Henrique Simões Ribeiro	10	Estudante.
77	Aurora de Jesus	11	Estudante.
78	Amadeu Alberto	16	Serralheiro.
79	Joaquim da Silva Rodrigues	12	Estudante.
80	Joaquim dos Reis	13	Estudante.
81	António Vieira	10	Estudante.
82	Manuel Augusto Baeta Ramos	13	Estudante.

LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

CANTINA ESCOLAR DE S. MIGUEL

Curso noturno (analfabetos)

Professora, D. Lindanor Celeste Baião da Costa Loureiro

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões
1	Ilda da Conceição	13	Doméstica.
2	Américo Santos	12	Aprendiz de funileiro.
3	Emília Dias	16	Doméstica.
4	Carlos Silva Lapa	9	Vendedor de jornais.
5	António Francisco	9	Cauteleiro.
6	António dos Santos	7	Aprendiz de sapateiro
7	Maria do Carmo	12	Aprendiza de costureira.
8	Ilda do Carmo	10	Aprendiza de costureira.
9	Jaime Dias	15	Aprendiz de marceneiro.
10	Carlos Silva	8	Cauteleiro.
11	Lucinda da Conceição	13	Doméstica.
12	Adelaide da Conceição	14	Doméstica.
13	Sertório A. Alves Marques	10	Cauteleiro.
14	Olímpia Marques	8	Cauteleira.
15	Amélia Pinto	8	Doméstica.
16	Maria do Céu	12	Aprendiza de costureira.
17	Carlos Anjos Cordeiro	11	Aprendiz de chapeleiro.
18	Francisco de Almeida	12	Aprendiz de torneiro.
19	Silvina Inês	14	Costureira.
20	Maria Pereira	12	Doméstica.
21	Luís Albuquerque	10	Aprendiz de marceneiro.
22	Francisco Gonçalves Faria	12	Aprendiz de sapateiro.
23	Ilda Faria	9	Doméstica.
24	João Dias	10	Aprendiz de sapateiro.
25	Lucinda de Jesus	9	Doméstica.
26	Manuel Ferreira	9	Cauteleiro.
27	Silvino Barbosa	8	Vendedor de jornais.
28	Joaquim Santos	7	Aprendiz de canasteiro.
29	Arminda Jesus	9	Doméstica.
30	Albertina Barros	12	Doméstica.
31	Dolores Luísa	12	Peixeira.
32	António Simões	13	Aprendiz de marceneiro.

LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

CANTINA ESCOLAR DE S. MIGUEL

Curso noturno (de aperfeiçoamento)

Professora, D. Virginia Ribeiro da Fonseca

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões
1	Sebastião A. Pereira	33	Trabalhador.
2	Feliciano D. Carreiros	13	Vendedor de jornais.
3	Jequilina de Jesus	44	Doméstica.
4	Manuel Santos Sequeira	25	Empregado no comércio.
5	Joaquim Coelho	34	Trabalhador
6	António Rodrigues	28	Empregado no pôrto de Lisboa.
7	Emílio Marques Guimarães	17	Aprendiz de serralheiro *.
8	José Lopes	16	Aprendiz de torneiro *.
9	Filomena Augusta	18	Empregada na Fábrica de Ta- bacos.
10	Beatriz Coelho	19	Empregada na Fábrica de Ta- bacos.
11	Joaquim Costa	18	Vendedor de jornais *.
12	Domingos Alves	18	Trabalhador.
13	Carlos Américo Baptista	16	Cauteleiro.
14	Joaquim Alves	15	Aprendiz de funileiro.
15	Carlos Augusto Santos	26	Trabalhador.
16	António Marques Marcelino	23	Trabalhador.
17	Manuel Lopes	16	Marçano.
18	António Gouveia Franco	33	Empregado nas Cozinhas Eco- nómicas.
19	Jerónimo Canário	34	Empregado nas Cozinhas Eco- nómicas.
20	Manuel da Mota	13	Trabalhador *.
21	Albino Vieira de Araújo	17	Aprendiz de serralheiro *.
22	António José da Costa	40	Marinheiro.
23	Mário Gonçalves	16	Tipógrafo *.
24	António Maria	18	Sapateiro *
25	Augusto Marques	17	Aprendiz de sapateiro *.
26	Alvaro Garcia	19	Aprendiz de sapateiro *.
27	António Rocha	16	Torneiro.
28	Mário Trindade	18	Vendedor de jornais.
29	João Serpa	19	Trabalhador.
30	Manuel Mendes	17	Trabalhador.
31	Maria José Ferreira	21	Doméstica.

O asterisco indica os alunos que têm a classificação de óptimo e estão apartados para exames de 1.º e 2.º grau.

LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

ESCOLA-CANTINA DR. MANUEL DE ARRIAGA

Curso noturno

Professora,

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões
1	Alexandre de Campos Moita	18	Serralheiro.
2	Luís da Costa	18	Serralheiro.
3	José Figueiredo	16	Empregado no comércio.
4	Teófilo Costa	16	Merceneiro.
5	Mário Costa	14	Carpinteiro.
6	Manuel Rodrigues	17	Empregado no comércio.
7	Policarpo Nunes Henriques	19	Latoeiro.
8	João Pereira	13	Empregado no comércio.
9	Dionísio Azevedo	14	Serralheiro.
10	Júlio Campos	14	Carpinteiro.

LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

ASSOCIAÇÃO ESCOLAR DE ENSINO LIBERAL

Curso de analfabetos

Professora, D. Georgina Lourenço

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões
1	Alberto Neves	14	Empregado da Câmara.
2	José Barata	15	Empregado da Câmara.
3	António Dias	18	Estucador.
4	Alice Mata	22	Costureira.
5	Manuel Noronha	18	Servente de pedreiro.
6	Manuel Jacinto	14	Empregado da Câmara.
7	Manuel Luís	19	Empregado da Câmara.
8	Augusto Martins	19	Serralheiro.
9	Alberto Duarte	17	Sapateiro.
10	Artur Duarte	11	Aprendiz de sapateiro.
11	Artur Barata	12	Ferro velho.
12	Raquel do Carmo Belas	16	Modista.
13	Cândida Gomes	17	Operária.
14	Natália Pereira da Silva	12	Doméstica.
15	João Dias	13	Serralheiro.
16	David Afonso Branco	19	Pintor.
17	Armando Afonso Branco	14	Canteiro.
18	Manuel Vicente	32	Jardineiro.
19	Isidoro Dias	17	Sapateiro.
20	Albertina da Silva	19	Costureira.
21	Torpes Alfredo dos Santos	15	Aprendiz de electricista.
22	João Augusto Gomes	13	Correiro.
23	Franklin de Almeida	16	Empregado da Câmara.
24	Constantino Ferreira	17	Pintor de carruagens.
25	João Gonçalves	16	Serralheiro.
26	Alfredo da Silva	12	Sapateiro.
27	Carlos Pinto	13	Serralheiro.
28	Manuel Ferreira	31	Jardineiro.
29	Augusto Pereira	14	Carpinteiro.
30	Mário da Silva Mourão	14	Carpinteiro.
31	Eduardo Esteves	14	Ajudante de pintor.
32	Henrique Caetano	29	Jardineiro.
33	António Gomes	20	Pedreiro.
34	Faustino da Silva	12	Serralheiro.
35	Pedro da Silva	17	Pedreiro.
36	Maria Assunção Silva	29	Cozinheira.
37	Armando Lopes Monteiro	14	Canteiro.
38	Francisco Misael Ferreira	15	Carpinteiro.
39	Manuel Alcântara	12	Aprendiz de sapateiro.
40	Carlos Santos	14	Aprendiz de serralheiro.
41	José Francisco	13	Aprendiz de sapateiro.
42	João Ferreira	17	Alfaiate.
43	Manuel Joaquim Gomes	17	Operário.
44	Duarte da Silva	19	Servente de pedreiro.
45	Maria da Silva	13	Alfaiate.
46	Luís Pinto	14	Empregado de drogaria.

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões
47	Joaquim Faria de Assunção	11	Aprendiz de sapateiro.
48	Francisco da Silva	14	Burnidor de fôlha.
49	Júlio da Silva Pereira	14	Burnidor de fôlha.
50	Adelino Alves da Fonseca	23	Barbeiro.
51	José Francisco Calçada	16	Aprendiz de carpinteiro.
52	José Guilherme da Costa	17	Polidor.
53	Lino dos Santos	17	Pedreiro.
54	José Gomes	19	Cordador.
55	António dos Santos	23	Trabalhador.
56	Daniel Marques	23	Empregado da Câmara.
57	Abílio Ferreira	15	Funileiro.
58	Raúl Ferreira	14	Servente de pedreiro.
59	Américo Francisco Castanheira	10	Aprendiz de maleiro.
60	José Francisco Castanheira	14	Aprendiz de maleiro.
61	Jerónimo Ventura	19	Empregado da Câmara.
62	José dos Santos	34	Servente de pedreiro.
63	Gabriel Ferreira	17	Electricista.
64	Silva Ramos	20	Serralheiro.
65	José dos Santos	18	Sapateiro.
66	Inácio Silva	25	Empregado de escritório.
67	Angelo da Silva	22	Serralheiro.
68	Clarisse Pimentel	17	Doméstica.
69	João Rodrigues	13	Servente de estucador.
70	Manuel Marques	13	Empregado no comércio.
71	Aldina Pimentel	13	Doméstica.
72	Odócia de Jesus	14	Doméstica.
73	Plácido dos Santos	16	Aprendiz de sapateiro.
74	Jaimé Augusto Fernandes	32	Calceteiro.
75	Luís Ribeiro Dinis	12	Bate-fôlha.
76	António Gonçalves Louro	18	Maquinista.
77	Júlio Pires Figueiredo	10	Operário.
78	José Francisco	16	Moço de recados.
79	Francisco Henriques de Oliveira	14	Sapateiro.
80	Joaquim dos Santos Gil	11	Sapateiro.
81	Antonio Luís Caldeirita	24	Soldado.
82	Manuel António	14	Leiteiro.
83	Joaquim Nunes	15	Aprendiz de pintor.
84	Carlos Pinto	18	Sapateiro.
85	Manuel Gonçalves das Anjós	22	Empregado da Câmara.
86	Manuel Elói	12	Casquinheiro.
87	Francisco da Silva Elói	10	Sapateiro.
88	José Joaquim da Fruntura	33	Soldado-ferrador.
89	Madalena de Jesus	13	Dama de companhia.

LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

ASSOCIAÇÃO ESCOLAR DE ENSINO LIBERAL

Curso de aperfeiçoamento

Professora, D. Albertina Lourenço

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões
1	Maria Amélia Mendes Mata	19	Doméstica.
2	António Gonçalves	16	Impressor.
3	Luís Geraldês Drago	14	Serralheiro.
4	Guilherme Duarte Ferreira	12	Correio.
5	Raúl Duarte Ferreira	10	Casquinheiro.
6	Manuel Pedro Dinis	13	Casquinheiro.
7	António Martins	18	Empregado no comércio.
8	Joaquim Gomes de Brás	17	Empregado no comércio.
9	Rodrigo Lanta	18	Carpinteiro.
10	Cândido Tavares	15	Estuador.
11	Júlio Pancadares	13	Jardineiro.
12	Ramiro Vieira	14	Empregado no comércio.
13	Joaquim Augusto Malheiros	15	Aprendiz de dentista.
14	João Marques da Silva	14	Sapateiro.
15	Francisco Roberto Salemão	15	Serralheiro civil.
16	Eugénio Pereira	15	Alfaiate.
17	José Figueiredo Correia	15	Empregado no comércio.
18	Cândido de Araújo Correia	30	Pintor.
19	Germano José de Almeida	20	Chapeleiro.
20	António da Cunha Roque	14	Sapateiro.
21	Francisco Gomes	15	Empregado no matadouro.
22	Zózimo Dias Garção	13	Criado.
23	Armando Dias Garção	15	Serralheiro.
24	Artur Barata	12	Empregado no comércio.
25	José Alves da Fonseca	15	Barbeiro.
26	Manuel Fernandes Carlos	11	Construção civil.
27	Francisco da Silva	12	Construção civil.
28	Fabrcício da Cunha Roque	28	Sapateiro.
29	Cristina da Conceição	19	Empregado no comércio.
30	António Passos	19	Empregado no comércio.
31	Pedro da Silva	17	Serralheiro.
32	Maria Pia Mendes Silva	10	Doméstica.
33	Francisco Neves	13	Encadernador.
34	Américo Gonçalves	12	Casquinheiro.
35	João Tobio Tablas	19	Polidor de pianos.
36	Francisco Mateus	29	Empregado no comércio.
37	Francisco Antunes Marcos	35	Empregado público.
38	Elias Vicente	18	Carpinteiro.
39	Francisco Esteves	15	Empregado no comércio.
40	Alberto Gaspar	12	Caixeiro.
41	Manuel Mateus	24	Carteiro.
42	Jaime das Mercês	12	Empregado de escritório.
43	Abílio Monteiro	16	Pedreiro.

LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

ESCOLA DE PALMA DE CIMA

Curso diurno

Professora, D. Maria do Carmo Grova

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões dos pais
1	Américo da Conceição	8	Funileiro.
2	Francisco Nunes Ribeiro	7	Comerciante.
3	António Roque	10	Peixeiro.
4	Miquelina Gonçalves	7	Pedreiro.
5	Casimiro Ribeiro	7	Leiteiro.
6	António Oliveira	7	Forneiro.
7	José Soares	9	Trabalhador.
8	Luís Vasques	9	Empregado no hospital.
9	Carlos Félix	6	Carpinteiro.
10	Armando Vasques	5	Empregado no hospital.
11	Laurinda da Conceição	6	Forneiro.
12	António Rodrigues	7	Maquinista.
13	José Moreira	8	Pedreiro.
14	Manuel Plácido	9	Trabalhador.
15	Ermelinda da Conceição	6	Funileiro.
16	Leopoldina Gomes	7	Trabalhador.
17	Augusto Jerónimo	6	Carpinteiro.
18	Manuel Ribeiro	5	Leiteiro.
19	José Ribeiro	6	Leiteiro.
20	Maria Ferreira	8	Oleiro.
21	Emilia de Oliveira	9	Ferro velho.
22	João de Oliveira	6	Ferro velho.
23	Jaime Rabaça	6	Carpinteiro.
24	Armando Rabaça	7	Carpinteiro.
25	Augusto Santos	9	Canteiro.
26	Joaquim Baptista	8	Empregado.
27	Domingos Correia	6	Canteiro.
28	Maria Rocha	6	Peixeiro.
29	Aleinda Ferreira	6	Trabalhador.
30	João Baptista	7	Canteiro.
31	Jaime da Conceição	6	Funileiro.
32	Maria Silva	8	Pedreiro.
33	Maria Trovão	6	Trabalhador.
34	Pilar de Almeida	6	—
35	Natalina Moreira	5	Pedreiro.
36	Aurora Sequeira	7	Pedreiro.
37	João Ferreira	9	Carroceiro.
38	António Nunes	7	—
39	Carlos Oliveira	9	Pedreiro.
40	Alfredo Moreira	7	Serralheiro.
41	Manuel Moreira	6	Serralheiro.
42	Avelino Ferreira	7	Pedreiro.
43	José Vaquinhas	6	—
44	Francisco Gomes	6	Trabalhador.
45	Mariana Pires	7	—
46	Maria Rocha	10	Canteleiro.

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões dos pais
47	Henrique Félix	6	Trabalhador.
48	Rodrigo Ferreira	6	Pedreiro.
49	Guilherme Vieira	9	Pintor.
50	Valentim Vieira	7	Pintor.
51	João Barroso Baptista	9	Pedreiro.
52	Maria da Luz	7	—
53	Carlos Monteiro	7	Ferro velho.
54	José Gomes	6	Trabalhador.
55	Rosendo Lourenço	5	Forjador.
56	Manuel Plácido	9	Trabalhador.
57	Sebastião Rodrigues	5	Maquinista.
58	Raquel Almeida	9	—
59	Júlio Santos	5	Trabalhador.
60	Mário Lopes	5	Estucador.
61	Hortense Nunes	6	Pedreiro.
62	Carlos Silva	6	Estucador.
63	Horácio Lopes	6	Sapateiro.
64	Sebastião Paco	7	Marchante.

LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

ESCOLA DE PALMA DE CIMA

Curso nocturno

Professor, Pedro da Costa

Números de ordem.	Nomes	Idades	Profissões
1	João Dias	15	Serralheiro.
2	João Simões	22	Servente.
3	José Afonso	25	Pedreiro.
4	António Martins	23	Servente.
5	Mário Soares	9	—
6	José Soares	7	—
7	Jaime Silva Lucas	9	Carroceiro.
8	José Ribeiro da Silva	11	Canteiro.
9	Augusto Nunes	11	—
10	José Valeia	18	Trabalhador.
11	José Bentes	16	Servente.
12	Armando Pais	12	—
13	Fernando Pais	14	—
14	Mário Silva	10	—
15	Raúl Jorge	18	Servente.
16	Domingos Martins	25	Pedreiro.
17	Francisco J. Fonseca	12	Ourives.
18	Francisco Coelho	26	Pedreiro.
19	José Henriques	12	Servente.
20	António Correia	28	Trabalhador.
21	José de Azevedo	19	Trabalhador.
22	Raúl Joaquim da Silva	8	—
23	Francisco Coelho	27	Pedreiro.
24	António Henriques	30	Pedreiro.

LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

ESCOLA DO CENTRO SOCIALISTA DE LISBOA

Curso nocturno

Professora, Francisca Romero

Números de ordem	Nomes	Idades	Profissões
1	Tiago Bernardino	17	Aprendiz de carpinteiro.
2	Dionísio Pedro.	21	Pedreiro.
3	José Filipe	16	Marçano.
4	Américo Pelásio	14	Marceneiro.
5	Apolinário Gonçalves.	14	Aprendiz de bonés.
6	Manuel António Pereira	20	Pasteleiro.
7	César Pedro Mendonça	14	Aprendiz de carpinteiro.
8	Augusta Maria Moreira.	22	Costureira.
9	Maria Octávia	23	Costureira.
16	Carlos Ramos	15	Carpinteiro.
17	Joaquim Pereira Lopes	31	Serralheiro.
18	Antonio Dias de Carvalho	17	Vendedor.
19	António Maria.	18	Trabalhador.
20	José Maria de Almeida.	44	Trabalhador.
21	João José Gomes Moreira.	13	Polidor.
22	António Guilherme.	18	Vendedor ambulante.
23	Deodata da Graça	34	Enfermeira.
24	Júlia dos Reis Correia	21	Doméstica.
25	César Fonseca.	18	Guarda.
26	Júlio Veríssimo.	18	Serralheiro.
27	Adelino Martins Teixeira	27	Litógrafo.
28	João Teixeira	12	—
29	Alberto Teixeira.	19	—

